



mensal | julho de 2020 | n° 1 | ano 27 |    /sescrevistae | [sescsp.org.br/revistae](http://sescsp.org.br/revistae) | [revistae@sescsp.org.br](mailto:revistae@sescsp.org.br) | Distribuição gratuita | Venda proibida

JUNTOS CONTRA A FOME | TECIDO SOLIDÁRIO | O MELHOR DE CADA ATO | LUCIO COSTA | ADELINA VON FÜRSTENBERG |  
EDUCAÇÃO MIDIÁTICA | COMUNICAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA | INÉDITOS QUARENTENA | SIDARTA RIBEIRO | PRISCILA GALLI



ISSN 2179907-5 00304  
9 772179 907008

**O Sesc promove o bem-estar social.  
Em tempos difíceis, amplia a solidariedade.**

**Sesc**  
digital  
BETA

**#emcasacomsesc**

**Sesc**tv



### **Mesa Brasil**

distribuição de 2 mil toneladas de alimentos, 55 mil cestas com alimentos, artigos de limpeza e higiene.

### **Itens de proteção individual**

mais de 420 mil unidades já foram encaminhadas aos serviços públicos de saúde, incluindo máscaras cirúrgicas, toucas sanfonadas, luvas de procedimento e luvas plásticas provenientes dos estoques das clínicas odontológicas e serviços de alimentação das unidades do Sesc, além da fabricação, em impressoras 3D, de protetores faciais.

### **Tecido Solidário**

iniciativa que mobiliza uma rede de costureiras e cooperativas para a confecção de máscaras de tecidos, destinadas à doação.

### **Em Casa com Sesc**

ampliação do acesso à nossa programação, com debates e reflexões sobre diversos temas, além de lives de música, teatro, dança, esporte, programação infantil e cinema.

### **Sesc Digital**

plataforma de conteúdo com ensino à distância e acervo de produções culturais, artísticas e de caráter social, nas áreas de cidadania, comunicação, meio-ambiente, tecnologia, esporte e turismo social, além de linguagens como artes visuais, dança, teatro, cinema, circo, música e literatura, entre outros.

### **SescTV**

séries e programas on demand de diferentes temáticas e linguagens.

**Sesc, criado e mantido pelos empresários do comércio, turismo e serviços.**

[sescsp.org.br](http://sescsp.org.br)

**Sesc**



Marcos Duprat

### IMAGEM DA CAPA

A ilustração na capa desta edição é resultado da experiência angustiante e desafiadora do confinamento imposto pela pandemia do novo coronavírus. Criada pelo artista Marcos Duprat no contexto da quarentena, a obra *Reflexo*, de 2020, expõe seu cotidiano de luz e sombras, cores e penumbra, neste tempo de incertezas a que estamos todos submetidos.

Você também pode ler a Revista E em tablets e smartphones

Baixe o aplicativo do Sesc São Paulo e confira as reportagens e entrevistas, além de vídeos, áudios e imagens.

Download gratuito para Android e iOS

App Store Google Play

## A humanidade e seus desafios

A crise que se abateu sobre o mundo com a pandemia do novo coronavírus trouxe consigo a oportunidade da reflexão sobre o modo de viver na contemporaneidade. Se é inegável que a passagem do século 20 para o 21 representou avanços e conquistas – especialmente no campo tecnológico e das comunicações –, a consolidação da vida nas cidades também veio acompanhada de desafios. Diminuir as desigualdades, garantir o necessário para que todos possam viver com dignidade e buscar soluções sustentáveis para manter o equilíbrio do ser humano com a natureza são algumas das questões que envolvem a todos, seja no âmbito das políticas públicas, seja no fórum privado.

Desse modo, o Sesc – Serviço Social do Comércio – atua para a promoção do bem-estar dos trabalhadores do comércio, serviços e turismo, de seus familiares e de toda a população, com ações nos campos da cultura, do lazer, do esporte, do turismo, da saúde e da alimentação. Criado em 1946, por iniciativa dos empresários do setor, trabalha em prol da qualidade de vida de toda a comunidade. Suas programações seguem as diretrizes da educação não formal, valorizando os múltiplos saberes e o encontro com a diversidade, num trabalho contínuo que integra, agrega e que se reinventa para continuar respondendo às demandas da sociedade em seus diferentes contextos.

**ABRAM SZAJMAN**

Presidente do Conselho Regional do Sesc no Estado de São Paulo

## SUMÁRIO

### Combate à fome

São complexos os processos que envolvem a alimentação da população de um país com as proporções do Brasil. Do campo à cidade, do agricultor até a mesa, são diversas as relações estabelecidas. A valorização da agricultura familiar, a busca pelo alimento saudável e a solidariedade no combate à fome têm mobilizado a sociedade, que encontra saídas para o fortalecimento dessa rede no contexto da pandemia do novo coronavírus, como mostra reportagem desta edição.

Neste mês de julho, que marca os 26 anos da **Revista E**, a seção *Inéditos* está ampliada. Convidamos autores e artistas para criarem poemas e ilustrações inspirados em suas experiências de quarentena. A matéria *Gráfica* também ganhou mais páginas para apresentar a trajetória do diretor teatral Antunes Filho, por meio de registros fotográficos de seus icônicos trabalhos. Na *Entrevista*, uma reflexão sobre educação para a mídia e o combate à desinformação, por Patricia Blanco, presidente do Instituto Palavra Aberta. E, em *Depoimento*, a curadora Adelina von Fürstenberg fala sobre as inter-relações humanas e o papel das artes na sensibilização do olhar. Boa leitura!

**DANILO SANTOS DE MIRANDA**

Diretor do Sesc São Paulo



Micheli Sartana

Em ENTREVISTA, a especialista Patricia Blanco fala sobre como LER A MÍDIA e aprender a diferenciar as notícias das *fake news*

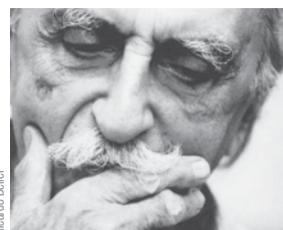
**10**



Angelo Moraes

Iniciativas pelo acesso à alimentação saudável para COMBATE À FOME

**16**



Ricardo Ballei

No PERFIL, o pensamento e as obras de LUCIO COSTA, arquiteto moderno por excelência

**24**



Emílio Luis

Na GRÁFICA, o legado do diretor de teatro ANTUNES FILHO segue vivo e ao alcance do público

**32**



Wesley Luiz

Símbolo de proteção à saúde, as MÁSCARAS DE TECIDO estimulam produção, doação e ação solidária

**50**

DOSSIÊ

**7**

EM PAUTA | COMUNICAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

**54**

ENCONTROS | SIDARTA RIBEIRO

**60**

DEPOIMENTO | ADELINA VON FÜRSTENBERG

**64**

INÉDITOS | QUARENTENA

**68**

ALMANAQUE PAULISTANO

**82**

P.S. | PRISCILA GALLI

**84**

Sesc tv

🐦 📘 📷 📺 /sesc tv

# CENA INQUIETA

TEATRO NEGRO, POLÍTICO E DE GÊNERO

A NOVA GERAÇÃO DO TEATRO DE GRUPO  
PRODUZIDO NO BRASIL.

SÃO 48 COMPANHIAS DE TEATRO E MAIS 10 ARTISTAS  
SOLO DE SÃO PAULO, RIO DE JANEIRO,  
BELO HORIZONTE, SALVADOR E RECIFE,  
RETRATADOS EM 26 DOCUMENTÁRIOS.

CURADORIA DE SILVANA GARCIA  
DIREÇÃO DE TONI VENTURI

CONSULTE A CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA

ESTREIA

23/07, ÀS 23 HORAS

ASSISTA EM  
[WWW.SESCTV.ORG.BR](http://WWW.SESCTV.ORG.BR)  
OU CONSULTE  
SUA OPERADORA



*Mamma Roma* (1962), do cineasta italiano Pier Paolo Pasolini

## Boa sessão!

SÉRIE *CINEMA EM CASA* NA PLATAFORMA SESC DIGITAL  
AMPLIA PROGRAMAÇÃO COM EXIBIÇÃO GRATUITA

A saudade de assistir à programação de cinema foi ressignificada pelo lançamento da série *Cinema em Casa* na plataforma Sesc Digital. Desde o mês de junho, toda semana quatro novos filmes são exibidos gratuitamente, entre longas-metragens, documentários e animações. Na estreia desse novo serviço de *streaming on demand* do Sesc São Paulo foi exibida a cópia restaurada de *Mamma Roma* (1962), do cineasta italiano Pier Paolo Pasolini, entre outras produções estrangeiras e brasileiras para todos os públicos.

“A iniciativa reforça os aspectos que ancoram a ação institucional do Sesc São Paulo, garantindo o acesso a conteúdos da cultura a variados públicos e permitindo a ativação de uma gama de profissionais do audiovisual e adjacências”, comenta Danilo Santos de Miranda, diretor do Sesc São Paulo. “Com essa iniciativa, o Sesc marca presença no mundo digital e amplia sua ação de difusão cultural, de maneira acessível e permanente, mesmo após a reabertura da sala na Rua Augusta.

O público ganha, assim, mais um espaço para contemplar, descobrir e redescobrir o cinema, a partir de grandes obras selecionadas, disponibilizadas online”, complementa.

A curadoria conta com a experiência do CineSesc e os filmes ficarão disponíveis por um período determinado, com alterações e novas estreias semanais a cada quinta-feira (considerando a semana de Cinema de quinta a quarta-feira). Haverá ainda a possibilidade de prorrogação da exibição, conforme a demanda do público, além de sessões especiais por períodos menores, como 24 horas. Então, que tal preparar a pipoca e transformar sua casa numa sala de cinema? Assista: <http://sesc.digital/cinema-emcasacomsesc>

COM ESSA INICIATIVA, O SESC MARCA PRESENÇA NO MUNDO DIGITAL E AMPLIA SUA AÇÃO DE DIFUSÃO CULTURAL, DE MANEIRA ACESSÍVEL E PERMANENTE, MESMO APÓS A REABERTURA DA SALA NA RUA AUGUSTA. O PÚBLICO GANHA, ASSIM, MAIS UM ESPAÇO PARA CONTEMPLAR, DESCOBRIR E REDESCOBRIR O CINEMA

DANILO SANTOS DE MIRANDA, diretor do Sesc São Paulo



Fabiano Preradovic

## POVOS INDÍGENAS DO ABC

Desenvolvido pela unidade Santo André, em parceria com a Universidade Federal do ABC, o projeto *Cartografias de Ação e Desenvolvimento Social: Povos Indígenas do ABC* ressalta a necessidade de um debate sobre questões territoriais desses povos. Um dos resultados dessa ação foi o lançamento de uma publicação online (dado o atual cenário de isolamento social). O primeiro número é dedicado às demandas trazidas pela aldeia de Guyrapaju, em São Bernardo do Campo. Além desse lançamento, foi realizado em junho um bate-papo sobre saúde indígena e sobre a Campanha Horta nas Aldeias, com pesquisadores e lideranças indígenas. Todos esses conteúdos estão disponíveis no portal e no YouTube do Sesc São Paulo.

## LANÇAMENTOS DIGITAIS

Duas novidades ocupam as prateleiras digitais das Edições Sesc São Paulo. São os e-books *Acabou Chorare* – segundo livro da coleção *Discos da Música Brasileira* – e *HQ: Uma Pequena História dos Quadrinhos para Uso das Novas Gerações*. No primeiro, curiosos e fãs dos Novos Baianos poderão embarcar numa viagem musical pelo álbum icônico que dá nome à publicação. Escrito pelo jornalista Márcio Gaspar, o livro reúne entrevistas com integrantes do grupo e outros artistas. Já no segundo lançamento, o jornalista e editor Rogério Campos faz um panorama da história dos quadrinhos e seus criadores. Este e-book ainda marca a estreia da coleção *Deslocamentos*.



Divulgação



Elisa Gaivota

MAIS UM GOL DE PLACA DO SESC, PRINCIPALMENTE NO DURO JOGO QUE ACONTECE NESSES TEMPOS DE PANDEMIA, EM DISPONIBILIZAR GRATUITAMENTE UM CONTEÚDO RICO, IMPORTANTE E COM MUITA MÚSICA E LETRA.

**CARLOS BOZZO JUNIOR**, na coluna autoral *Música em Letras*, publicada no jornal *Folha de S.Paulo*, sobre o lançamento do álbum digital *Sessões Selo Sesc #8: Toada Improvisada – Jackson do Pandeiro 100 Anos*, pelo Selo Sesc. Esse e outros álbuns digitais lançados a partir de maio são resultado de registros sonoros de shows que aconteceram nas unidades da instituição. Conheça: <https://sesc.digital/categorias/musica>

## TURISMO EM PAUTA

Quais os caminhos possíveis para o turismo durante e após a pandemia? Qual o papel social e ambiental que o turismo pode ocupar a partir desse novo cenário? E quais os impactos gerados tanto pela atividade turística quanto pela falta dela? Esses foram alguns dos assuntos debatidos durante a *Semana Virtual de Turismo para Todos, Solidário e Sustentável*, realizada entre os dias 28 de maio e 4 de junho pela Organização Internacional de Turismo Social (Oits), da qual o Sesc São Paulo é membro há 40 anos. Entre os destaques da programação, a série de videodepoimentos *O Turismo e a Pandemia: Uma Análise em*

*Tempo Real*, na qual pesquisadores refletem sobre os impactos no atual contexto.

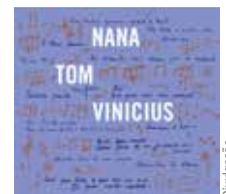
Outros conteúdos estão disponíveis em:

[www.sescsp.org.br/semanavirtualdoturismo](http://www.sescsp.org.br/semanavirtualdoturismo).



## NANA CANTA TOM E VINICIUS

Disponível a partir de 10 de julho na plataforma Sesc Digital, o álbum *Nana, Tom, Vinicius* traz a cantora Nana Caymmi interpretando obras de Antonio Carlos Jobim e Vinicius de Moraes. No repertório, releituras das parcerias entre os músicos, como *Eu Sei Que Vou Te Amar*, além de outras canções, como *Valsa de Eurídice*, de Vinicius, e *As Praias Desertas*, de Tom. A direção artística e os arranjos são do músico e irmão Dori Caymmi. O álbum, cuja capa traz escritos de Tom e Vinicius, também estará disponível em outras plataformas de *streaming* a partir do dia 15 de julho.



Divulgação



Matheus José Maria

Em junho, o Sesc São Paulo adquiriu 55 mil cestas básicas para distribuir entre famílias assistidas pelas instituições cadastradas no programa Mesa Brasil Sesc São Paulo. Também foram entregues kits de higiene e limpeza, numa ação emergencial para atender às demandas neste contexto da pandemia do novo coronavírus.



QUE TODOS OS NOSSOS COLEGAS PASSEM POR ISSO. É DESAFIADOR. FAZ REACENDER UMA ESPERANÇA (...) EU NÃO SEI SE É TEATRO, SE NÃO É, NÃO ME IMPORTA QUESTIONAR ISSO AGORA. FOI O TEATRO POSSÍVEL HOJE. ESTOU MELHOR (...) A CULTURA AJUDA, RENOVA, CURA, SALVA!

O ator **CACÁ CARVALHO**, em sua página do Facebook, sobre a apresentação de *O Carrinho de Mão*, pela programação #EmCasacomSesc, exibido pelo @SescAoVivo e disponível no YouTube do Sesc São Paulo.

Letícia Pinheiro

AS PROGRAMAÇÕES, ELABORADAS COM O CUIDADO DE EDUCADORES, DÃO SUPORTE ÀS FAMÍLIAS PARA LIDAR COM O CONFINAMENTO PORQUE TRAZEM, TAMBÉM, INFORMAÇÕES E DICAS QUE PODEM ALIVIAVAR ESSA TENSÃO.

**CAROLINA DELBONI**, na coluna autoral *Kids*, um *Assunto de Gente Grande*, publicada no jornal *O Estado de S. Paulo*, sobre programação dedicada às crianças transmitida aos sábados, 12h, pelo @SescAoVivo e no YouTube do Sesc São Paulo.

**55** Lives de Música  
no @SescAoVivo  
**2.291.499**  
visualizações  
De 19 de abril  
a 11 de junho

**16** Lives de Teatro  
no @SescAoVivo  
**61.435**  
visualizações  
De 15 de maio  
a 10 de junho

Fotos: Micheli Santana



# Educação **MIDIÁTICA**

LEITURA CRÍTICA DE INFORMAÇÕES DESESTIMULA  
A PROPAGAÇÃO DE *FAKE NEWS* E FAVORECE A  
LIBERDADE DE EXPRESSÃO RESPONSÁVEL

Basta um sinal sonoro ou visual na tela. Você recebeu mais uma notícia por WhatsApp, pelas redes sociais, caixas de e-mail, podcasts... Acredita nela ou não? Como o tempo é curto para se atualizar sobre o que está acontecendo no país e no mundo, na maioria das vezes, nem sequer fazemos uma curadoria desse intenso volume de informação. Neste período, então, em que há uma exacerbada quantidade de reportagens, notas e artigos sobre o novo coronavírus, discernir entre uma notícia verdadeira e outra falsa pode até salvar vidas. Mas como peneirar esses conteúdos? Propagar *fake news* é exercer liberdade de expressão? Para lidar com essas questões, a alfabetização midiática vem se tornando uma ferramenta primordial para aprender a ler de maneira crítica. A partir dela, nos tornamos capazes de debater e compartilhar conteúdo com responsabilidade para atuarmos como cidadãos. “Não se trata, simplesmente, de ler sem interpretar ou comprar aquela informação que chega sem fazer perguntas. Ela é verídica? Qual seu propósito? De onde vem? Para que vem? A quem interessa? Porque, se você ler e não fizer essas perguntas, você será manipulado”, ressalta a presidente executiva do Palavra Aberta, Patricia Blanco. Criado em 2010, esse instituto sem fins lucrativos promove a liberdade de expressão e informação como pilar fundamental de uma sociedade avançada e sustentável. Entre outras atuações, o Palavra Aberta criou em 2018 o programa EducaMídia, voltado a professores e alunos, com o objetivo de fornecer suporte e ferramentas para que crianças e jovens desenvolvam as habilidades necessárias para consumir informação de forma segura e responsável. O projeto conta com o apoio do Google.org, braço de filantropia do Google, e nasceu como um desafio à poluição informacional, à fusão dos papéis de consumidor e produtor de conteúdo e ao aumento da intolerância.

### Qual a importância da liberdade de expressão?

A liberdade de expressão é um direito humano fundamental, amplamente valorizado e defendido desde a Declaração dos Direitos Humanos de 1948, quando o artigo 19 trouxe a questão da liberdade de expressão como um valor fundamental para o desenvolvimento do cidadão. Se a gente considerar a liberdade de expressão no âmbito nacional, a gente viveu durante muitos anos um período de restrição à liberdade, na verdade, de não liberdade. O período de censura era de restrição total. Você tinha questões de censura estabelecidas principalmente nas artes, no jornalismo, mas também uma censura do próprio indivíduo, que não podia se manifestar. Ele não podia declarar abertamente qual era sua posição política, religiosa e tantas outras questões do individualismo do cidadão.

### Que mudanças houve depois que a Constituição de 1988 estabeleceu o direito à liberdade de expressão?

De lá para cá, temos um processo em que primeiro se consolida o direito. Aí, ele passa a ser efetivado e começamos a ver um aprendizado. O primeiro grande exemplo dessa liberdade utilizada na prática foi com as manifestações de 1992. As pessoas vão para as ruas e começam ali um processo de experimentação dessa liberdade. Os anos se passaram e ficamos com “uma barriga” até que, em 2013, volta a manifestação pública nas ruas e uma nova experimentação dessa liberdade, já na esteira de um ambiente proporcionado pelas redes sociais. Então, ali você passa a exercer a sua liberdade de expressão não só na praça pública, mas também na internet. Você amplia os horizontes de liberdade. Nessa ampliação, acaba-se criando um ambiente em que se tem de tudo. A opinião de qualquer um de nós agora é publicada na internet para todos lerem, com um poder de difusão muito maior. Ou seja, atingimos muito mais gente a partir da tecnologia, mas também criamos espaços para utilização dessa liberdade com outras tintas, vamos dizer. Temos aí uma quebra: há uma liberdade, mas ela também está sendo utilizada para outros fins que não o da responsabilidade, da cidadania e da democracia.

### Ou seja, nas redes sociais, há um cenário em que todos se transformam em um “eu-mídia”.

Esse ponto é interessante. O princípio da liberdade é a base do Palavra Aberta, instituto criado para defender e promover a liberdade de expressão. A gente explica que a culpa não é da tecnologia, mas do ser humano que está operando

essa tecnologia. Operando de uma forma para a qual ele não foi preparado em termos de cidadania, de educação para a democracia. E em termos de responsabilização da sua opinião, jogada nesse ambiente que tem um poder de disseminação mais ampla. É como se estivéssemos falando num megafone que tem a capacidade de atingir o mundo. Claro que nem todo conteúdo atinge o mundo, mas alguns, se bem colocados, acabam atingindo uma grande quantidade de pessoas que movimentam esse ambiente.

### Sendo assim, acompanhamos uma nova forma de produção e de consumo da informação?

À medida que as redes sociais democratizaram o acesso também houve uma mudança na forma como se consome e produz informação. Éramos simples consumidores passivos de uma informação, num ambiente em que o máximo de proatividade que tínhamos era ligar a TV e mudar de canal, ou ir até a banca e comprar uma revista, um jornal, nos quais, no máximo, havia o espaço para a carta do leitor. E de uma hora para outra – se formos considerar o Facebook, no Brasil ele existe fortemente há dez anos – a gente passou a ter um poder de disseminação e de produção de conteúdo. Como você disse: hoje somos mídia, consumimos e produzimos sem ter tido uma educação para tal. Sem chamar nossa atenção para o impacto de um boato nas redes. E esse impacto está agora reverberando nesse ambiente de desinformação em que vivemos.

LIBERDADE  
DE EXPRESSÃO  
NÃO É UM  
SALVO-CONDUTO  
PARA OFENSA

### A liberdade de expressão pode ser capaz de ampliar um ambiente de desinformação?

Não. A liberdade de expressão não é um salvo-conduto para ofensa. Ela é um exercício da crítica, ou seja, as pessoas podem ter opiniões divergentes, mas há um esforço para o diálogo. No entanto, o que acontece hoje é que muitos estão utilizando essa liberdade de maneira extremamente danosa para o ambiente e gerando algo ainda mais danoso. Quando você posta um comentário na sua rede social dizendo que não gosta de azul, e você tem o direito de não gostar do azul, vem uma horda de pessoas a favor do azul que começam a te atacar, tentam quebrar sua estabilidade emocional, xingam, fazem memes etc. Dessa forma, estão trabalhando para que a pessoa que não gosta de azul pare de postar e pare de participar da discussão, o que gera uma autocensura, e isso é grave. E aí, nesse ambiente, surgem grupos chamados de “milícias digitais”, que atuam com o objetivo de diminuir as vozes plurais e diversas para que haja um pensamento único.

### **Nesse aspecto, estamos vivendo em um ambiente dominado por poucas vozes?**

Há pessoas que passam a criar conflitos que não descem aos fatos. Você pode provar que aquilo é falso, que aquela informação foi forjada, que aquela imagem foi adulterada, mas há esse grupo de pessoas que não está interessado na verdade dos fatos. Ele está interessado na informação que reforça seu viés de confirmação, que reforça sua bolha, crenças e ideologias. Esse é o ambiente da pós-verdade, palavra que o dicionário Oxford elegeram em 2013 como a palavra do ano. E o que significa pós-verdade? Quando crenças e ideologias superam os fatos. Então, esses grupos – e são minorias organizadas –, por causa deste poder de disseminação da informação, acabam tendo uma força muito maior do que tinham fora das redes. São pessoas que estão ali para atacar e desestabilizar o sistema de informação. Aí que vem um ponto extremamente relevante, na ausência [*de outras vozes*] o que sobra é a narrativa daquele grupo.

### **Como se forma uma bolha informacional?**

Ela acontece porque você tem o grupo de pessoas que você segue e os seus temas de interesse. Então, eu me interessar por jogo de futebol, clio em jogo de futebol e a rede social, por meio desses algoritmos, vai aprendendo. Há uma inteligência artificial ali que vai aprendendo qual é meu comportamento e me oferecendo mais conteúdos do meu interesse. Só que isso gera o efeito bolha, porque os algoritmos só vão mostrar conteúdos que reforçam meu viés de confirmação. Conteúdos que reforçam meu ponto de vista. Então, de novo, é nossa a responsabilidade de furar a bolha, de ter algo que a gente chama de “dieta informacional balanceada”. Do mesmo jeito que temos uma dieta alimentar rica em vários alimentos, a gente tem que ter uma dieta informacional balanceada. Se eu sigo o partido X, é bom seguir o crítico desse partido para comparar. Se eu sigo o jornalista tal, vou seguir outro que pensa diferente. É preciso ter uma dieta informacional plural e diversa para sair dessa bolha.

### **No entanto, um excesso de informações também prejudica essa dieta informacional?**

O que vejo é que o volume de informação está gerando um cansaço emocional brutal. E esse cansaço emocional faz com que pessoas que tenham interesse em debater, em dialogar, em melhorar a sociedade se ausentem do debate. Essa ausência de quem tem um pouco mais de senso crítico acaba fragilizando todo o sistema. O que a gente precisa é combater com veemência qualquer tipo de agressão. Falando, denunciando e indo atrás para responsabilizar. Fazendo com que as pessoas entendam que elas também são responsáveis e que elas precisam parar e tomar consciência do mal que estão causando.

GRUPOS ATUAM COM O  
OBJETIVO DE DIMINUIR  
AS VOZES PLURAIS E  
DIVERSAS PARA QUE HAJA  
UM PENSAMENTO ÚNICO



### De que forma?

Você não sabe identificar o que é uma matéria jornalística, um *post* patrocinado, um conteúdo viral, uma publicidade, uma notícia manipulada, uma informação fora de contexto... Está tudo ali junto e misturado. Então, o que a gente busca com o programa EducaMídia é mostrar essas diferenças de gêneros. É fazer com que o professor entenda e passe isso para os alunos. A gente entende que esse aluno que tem o discernimento e o senso crítico vai produzir conteúdo com mais responsabilidade e ter uma participação mais ativa na sociedade.. Vai analisar aquela imagem ou texto antes de compartilhar. Por isso, buscamos formar professores, para que entendam e saibam interpretar diferentes conteúdos.

### Como é esse trabalho com os professores?

É um desafio. Já formamos mais de sete mil professores – tanto no ambiente online quanto no presencial, com grupos de professores que chamamos de multiplicadores, porque eles vão levar conhecimento a outros professores. O que a gente tem destacado é que nós não estamos entrando numa questão política e ideológica. A gente está entrando na seguinte questão: dar competência para que o cidadão possa pensar por ele mesmo. É um empoderamento do cidadão na medida em que ele sabe interpretar aquela informação e sabe participar ativamente. Com essa abordagem, os exemplos que usamos nas formações e planos de aula tentam sair dessa discussão polarizada, política e ideológica. Porque se a gente cai na polarização, perde-se o espaço de conversa. Então, usamos exemplos que afetam a todos.

### Poderia exemplificar?

Por exemplo, existe uma resistência grande, a gente já percebeu, em relação ao papel da imprensa. Durante anos, a imprensa foi atacada e o jornalismo profissional foi perdendo credibilidade. No ambiente de educadores isso é muito forte. E aí o que a gente tenta expor é: O que é a imprensa e qual é o papel do jornalismo profissional? Quando falamos de *fake news*, explicamos os formatos e diferenciamos os conteúdos. Mostramos o papel do jornalismo profissional, como ele funciona, e quais são os métodos para a produção de uma matéria jornalística. Mostramos que os erros jornalísticos existem, só que o

jornalismo profissional tem o compromisso em trazer a verdade dos fatos. Aí você vai quebrando esse bloqueio, criando um ambiente que “baixa um pouco a temperatura” [*dos conflitos*] até um entendimento do papel do jornalismo.

### Mesmo assim, por que se compartilham conteúdos falsos?

O conteúdo falso afeta o psicológico, afeta o emocional. Você recebe uma mensagem de WhatsApp de um círculo próximo de confiança: “Vacina de febre amarela causa mortes no interior de São Paulo”. Imediatamente, você fica com medo, com receio e indignado porque as autoridades deixaram isso acontecer. Aí, você avisa o maior número de pessoas a respeito. Hoje as informações que são produzidas com essa característica têm um título chamativo, são muito bem embaladas e usam dados que você jamais vai checar. Então, você valida a informação naquele momento e compartilha. Ainda tem essa questão do círculo próximo: “Se a minha tia me mandou, é porque ela está preocupada comigo”. Tem quem continue enviando esse tipo de informação com o argumento: “Pode ser verdade”. O TSE (Tribunal Superior Eleitoral) lançou, recentemente, um programa de enfrentamento à desinformação no período eleitoral. Criaram uma campanha muito boa que diz: “Na dúvida, não compartilhe”. E o que a gente estava fazendo? Na dúvida, a gente estava compartilhando.

### Há maior consciência desse comportamento?

É um processo longo. Vai demorar até que esse ambiente informacional seja melhor. A questão de criar uma lei de combate a *fake news*, no entanto, incorre em outro problema: na restrição à liberdade. Há o intuito de resolver um problema e acaba-se provocando outro mais danoso. Já temos agências de checagem. A própria BNCC (Base Nacional Comum Curricular) na aprovação do Ensino Fundamental 2 e do Ensino Médio abriu espaço para tratar desse tema de maneira mais consolidada. Dentro do ensino de Língua Portuguesa, foi criado o campo jornalístico midiático, que tem na sua ementa a questão da análise crítica da informação, a diferenciação de conteúdos e até as *fake news* estão lá descritas, na BNCC. Aí abre-se espaço para entrarmos nesse tema.

CABE ÀS  
PLATAFORMAS  
DIGITAIS  
COMBATER  
PERFIS FALSOS  
NAS REDES  
SOCIAIS PARA  
MELHORAR  
O AMBIENTE  
INFORMACIONAL

## A EDUCAÇÃO

### MIDIÁTICA TEM QUE

### COMEÇAR EM CASA

#### **Podemos dizer que a educação midiática mira contra a disseminação de *fake news*?**

Ela não serve só para combater *fake news*. A educação midiática serve para muito mais, porque ao disseminá-las há uma questão ética que precisamos discutir. Entramos no eixo participação. Se eu sei que aquele conteúdo é falso, por que compartilho? Por que quero prejudicar alguém? E, se quero prejudicar alguém, estou sendo antiético com essa pessoa. Então, acho que temos que chamar a atenção para algo maior. Uma coisa que funciona é: seja o estraga-prazer do grupo de WhatsApp. Questione. Pelo menos um ponto de interrogação você vai ter colocado.

#### **No entanto, a pessoa que age racionalmente não ganha tantos *likes* quanto uma que publica conteúdos sensacionalistas. E os *likes* viraram uma moeda de valor e de troca.**

Você tem um grande número de pessoas que não são monetizadas, que não são pagas por ter *likes*, mas que querem ter o maior número possível para ter repercussão, para serem reconhecidas, ouvidas. E essa é a diferença dos influenciadores digitais, eles são monetizados a partir da quantidade de *likes*. Aí, realmente, é um processo de quanto mais sensacionalista for, melhor. Quanto mais chocante for, melhor. Voltamos à questão: “A gente está dando *like* para conteúdos sensacionalistas?”. É preciso entender que, quando fazemos isso, estamos jogando “óleo na fervera”. Se a gente quiser baixar a temperatura, a gente vai ter que buscar algo mais racional. É o caso do jornalismo policial. Se a gente continuar assistindo a programas policiais que mostram uma pessoa sendo morta na rua, a gente vai continuar dando audiência para isso. Essa questão levanta uma decisão sobre qual sociedade a gente quer ser.

#### **Tendo em vista o avanço da tecnologia, a disseminação de um conteúdo sensacionalista é provocada por robôs?**

Esse é um ponto relevante porque temos dois ângulos. Primeiro, um estudo do MIT (Massachusetts Institute of Technology), publicado na revista *Science* [publicação científica editada pela Associação Americana para o Avanço da Ciência, considerada uma das revistas acadêmicas mais prestigiadas do mundo], que mostrou

que as notícias falsas têm um poder de consumo 70% maior que as verdadeiras. Esse estudo trouxe um ponto que acho super-relevante: o papel do ser humano na disseminação desse conteúdo. E o papel do ser humano é extremamente importante para uma segunda questão: é a partir do engajamento humano que os robôs começam a atuar. Então, o disparador do robô é o ser humano. Se, por exemplo, um assunto não ganhou dimensão, não teve compartilhamento, os robôs não entram. Eles só entram quando começa a haver um volume de publicações maior, aí eles começam a atuar.

#### **Nesse caso, além de um novo comportamento dos usuários da internet, há outra medida a ser tomada?**

Aí cabe às plataformas digitais combater perfis falsos nas redes sociais para melhorar o ambiente informacional. Mas o fator humano, ele é o disparador do robô. Aí vem um ponto que a gente coloca: é responsabilidade de todos nós. Se nós queremos melhorar o ambiente informacional, isso tem que partir da gente. Contas falsas, perfis falsos e robôs precisam ser combatidos pelas empresas de tecnologia, pelas grandes plataformas, para limitá-los e tentar retirá-los. Excluí-los totalmente não vamos conseguir, mas dá para ter um caça-robô empenhado para ir limpando esse ambiente.

#### **Você se considera otimista quanto a uma mudança desse cenário?**

Acho que esse é um processo que estamos vivendo e sou otimista. Uma pesquisa do jornal *Folha de S.Paulo* divulgou que 62% das pessoas acreditam na checagem da informação, que elas vão atrás de fontes confiáveis e não querem entrar em brigas políticas. Então, somos 62%. Somos a maioria. Por isso a gente não pode se ausentar desse debate, nem se eximir dessa responsabilidade.

#### **Qual seria o grande desafio da sociedade hoje em relação à prática da liberdade de expressão?**

A gente precisa achar um ponto de equilíbrio, que é ter liberdade, sim, mas atuar com liberdade e responsabilidade. A gente tem que participar melhorando o nível e colocando travas em ofensas. Ou seja, qual é nossa postura como cidadãos? Como atuamos dentro e fora do universo online? Somos um ser só, não há uma persona ali nas redes sociais e outra fora. Nosso trabalho é fazer com que a gente pense um pouco sobre isso. Essa é uma discussão que tem que ser feita a partir de casa. A educação midiática tem que começar em casa. E é uma educação para a vida. Você pode mudar a tecnologia, o governo, mas o princípio ético, moral, de responsabilidade e de cidadania tem que seguir para a vida toda. ■



Mathheus José Maria

# JUNTOS CONTRA A FOME

PELO DIREITO A  
UMA ALIMENTAÇÃO  
SAUDÁVEL PARA TODOS

Programa Mesa Brasil Sesc São Paulo já atendeu, na capital e Grande São Paulo, 32.291 famílias assistidas por 176 instituições sociais. Na foto, equipe do Centro de Captação e Armazenagem Mesa Brasil (Cecam) entrega cestas básicas na comunidade Impacto em Osasco

Saúde e alimentação equilibradas sempre andaram de mãos dadas. A escolha de alimentos frescos e variados, ricos em nutrientes, ajuda a prevenir doenças crônicas, entre elas, o diabetes, além de outras enfermidades, como as cardiovasculares, o AVC e o câncer, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS). Além disso, é uma aliada na luta contra o novo coronavírus, dada sua atuação benéfica sobre o sistema imunológico. No entanto, durante a pandemia, o Brasil está enfrentando diversos desafios relacionados à produção e distribuição de alimentos, principalmente, para uma grande parcela da população em estado de vulnerabilidade. O resultado? Com a pandemia, ainda neste ano, o país pode voltar ao Mapa da Fome (estudo da Organização das Nações Unidas que reúne dados sobre a segurança alimentar da população mundial). O alerta já foi feito por diversas instituições e especialistas, entre eles o ex-diretor-geral da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO) José Graziano da Silva. Fatores apontam para esse cenário, como a redução da atividade econômica. “Cada vez que conhecemos novas estimativas da queda do PIB e dos níveis de emprego, os resultados são piores. As últimas previsões do Banco Mundial falam de uma queda de 7,4%, que pode passar de 9% caso o país enfrente uma segunda



Laura Rosenthal

Dezenove unidades do Sesc no estado (capital, interior e litoral) operam o Programa Mesa Brasil Sesc São Paulo. Na foto, coleta realizada na propriedade do produtor de hortaliças Calusne Farms, na região de Campinas

onda de contágios, fruto dessa flexibilização prematura, como aconteceu em outros países que abandonaram a prática do isolamento social antes da hora”, avalia.

José Graziano da Silva ainda destaca: “Como no Brasil uma parte importante da população que não trabalha não come, uma queda dessa magnitude da atividade econômica aumentará a miséria e a fome numa proporção igual ou maior ainda neste ano”. Além disso, segundo o especialista, o auxílio emergencial adotado pelo governo pode não equacionar o atual cenário. “Há dois problemas aí: o tempo dessa cobertura é insuficiente e o valor do benefício aquém das necessidades das famílias pobres para garantir uma alimentação saudável durante e após os meses que se seguirem à pandemia.”

### DIRETO DO CAMPO

Vem da agricultura familiar a maior parte da produção que abastece a casa das famílias brasileiras, segundo o portal do Governo Federal e Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Alimentos frescos e saudáveis voltados para o consumo interno e não para exportação. Um setor que se destaca pela produção de milho, mandioca, feijão, arroz, suínos, aves, café, trigo, fruticulturas e hortaliças.

**ALIMENTAÇÃO É UM DIREITO DE TODOS. NO BRASIL, A LEI ORGÂNICA DE SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL (LEI Nº 11.346/2006) E A EMENDA CONSTITUCIONAL Nº 64/2010 GARANTEM A EXIGIBILIDADE DA ALIMENTAÇÃO ADEQUADA E SAUDÁVEL COMO UM DIREITO FUNDAMENTAL.**

Uma parte da agricultura familiar trabalha ainda com as diretrizes da agroecologia e também sente o impacto do atual momento. “A gente produz alimento de qualidade e pode atender à necessidade local de uma forma melhor, por ser um alimento agroecológico. E, quando a gente produz numa agricultura familiar, o agricultor não quer que ele e a família comam veneno”, diz o agricultor José dos Reis Boaventura, que, com a família, no município de Iperó (região metropolitana de Sorocaba), já ▶

# Alternativas a um clique

## CONHEÇA AÇÕES QUE APROXIMAM A SOCIEDADE DOS ALIMENTOS PRODUZIDOS PELA AGRICULTURA FAMILIAR

Plataformas digitais tornaram-se rua, praça, escola, escritório, parquinho, teatro, cinema... Mas, no caso da alimentação, transformaram-se em um local para troca de ideias, receitas e iniciativas capazes de estreitar laços entre quem produz, quem deseja consumir, ou mesmo quem gostaria de participar de financiamentos coletivos para doação de alimentos saudáveis a pessoas em situação de vulnerabilidade. Há grupos de WhatsApp que fortalecem a venda de produtos orgânicos, ações que organizam a entrega, em domicílio, de legumes, frutas, tubérculos, verduras e mesmo geleias e doce de leite produzidos pela agricultura familiar.

Confira algumas ações:

### COMIDA DE VERDADE

Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Defesa ao Consumidor (Idec) para ajudar os consumidores a encontrar iniciativas que comercializam alimentos saudáveis e sustentáveis e apoiar os pequenos produtores durante a pandemia. A ferramenta está no site Mapa de Feiras Orgânicas do Idec, que existe desde 2015. Ao acessar, é possível buscar por região, estado ou cidade os estabelecimentos, redes, grupos e feiras já inscritos para saber endereço, horário de funcionamento e tipos de alimentos vendidos. Outros produtores podem fazer novos cadastros na plataforma, que foi feita de forma colaborativa e com o apoio de diversas organizações parceiras. Descubra: <https://feirasorganicas.org.br/comidadeverdade/>



### COMUNIDADE QUE SUSTENTA A AGRICULTURA (CSA)

Modelo de trabalho conjunto, a CSA aproxima produtores de alimentos orgânicos e consumidores. Nesse caso, um grupo fixo de consumidores se compromete, por um período, a cobrir o orçamento anual da produção realizada por agricultores familiares. Em contrapartida, os consumidores recebem os alimentos produzidos pelo sítio ou fazenda sem outros custos adicionais. "Uma das melhores inovações tecnológicas que vi funcionando já antes da pandemia, mas sobretudo durante. Uma forma de garantir aos consumidores organizados o acesso a produtos saudáveis e nutritivos oriundos da agricultura familiar de sua vizinhança", disse José Graziano da Silva, ex-diretor-geral da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO). Saiba mais: <http://www.csabrasil.org/csa/>



### MUTIRÃO DO BEM VIVER

Iniciativa da sociedade civil, o Mutirão do Bem Viver arrecada doações para distribuir alimentos agroecológicos à população em situação de rua, moradores de periferias e territórios vulneráveis no campo e nas florestas, em 15 estados e 30 municípios do país. Para isso, foi criada uma "vaquinha virtual". As doações financeiras em dinheiro financiam cestas de alimentos agroecológicos plantados em locais em que os biomas estão sendo regenerados a partir da agroecologia. Quem não puder doar, pode ajudar na divulgação da campanha de financiamento coletivo. Saiba mais: [www.vakinha.com.br/vakinha/mutirao-do-bem-viver-em-resposta-a-pandemia](http://www.vakinha.com.br/vakinha/mutirao-do-bem-viver-em-resposta-a-pandemia).





Além de alimentos, as 55 mil cestas básicas distribuídas entre famílias assistidas pelas instituições cadastradas no programa Mesa Brasil Sesc São Paulo incluíram kits de higiene e limpeza.

► enfrenta dificuldades na distribuição de alimentos.

O agricultor compartilhou sua reflexão sobre o momento atual no bate-papo online *O papel da rede agroecológica de Sorocaba na e pós pandemia da Covid-19*, realizado pelo Sesc Sorocaba, no início de junho.

“Acho que essa conversa e troca de ideias é muito importante nesse momento e depois para ampliar nosso trabalho, porque nós queremos permanecer no campo e quem está na cidade quer se alimentar de forma correta. Por isso é importante fortalecer a aliança entre campo e cidade”, disse Boaventura.

Segundo Renato Maluf, professor titular do Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), a agricultura familiar no Brasil é uma categoria numerosa e heterogênea, com desafios distintos. Há, no entanto, uma dificuldade comum, de construção de mercados para seus produtos, destaca o professor, que também é integrante do Fórum Brasileiro de Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (FBSSAN).

“Grande esforço é requerido na viabilização de feiras e de redes de comercialização articuladas com consumidores. As compras governamentais se converteram em instrumento poderoso na viabilização de tipo de produção de alimentos, porém, vêm sendo comprometidas com a quase extinção do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e as restrições postas às compras pelo Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE)”, destaca.

Como consequência, “a perda de uma fonte essencial de alimentação saudável que respeita a diversidade e o comprometimento das condições de vida de grande número de famílias rurais”. Segundo o Censo Agropecuário de 2017, feito em mais de 5 milhões de propriedades rurais de todo o Brasil, esse segmento emprega mais de 10 milhões de pessoas, o que representa 67% do total de pessoas ocupadas na agropecuária.



# Rede de apoio

MESA BRASIL SESC SÃO PAULO AMPLIA DOAÇÕES NUMA FORÇA-TAREFA PARA ATENDER FAMÍLIAS E CHEGAR A COMUNIDADES INDÍGENAS DE SÃO PAULO



Há 25 anos, o Programa Mesa Brasil Sesc São Paulo realiza uma ação permanente de combate à fome e ao desperdício de alimentos. Somente neste ano, já foram arrecadadas mais de 2,8 mil toneladas de alimentos. Tendo em vista o aumento da demanda por comida e também por itens de higiene e limpeza, durante a pandemia o programa ampliou a busca por parceiros e estendeu seu alcance numa força-tarefa para atender às famílias, inclusive de comunidades indígenas do estado. Apenas no mês de maio, o número de famílias assistidas teve um aumento de 23,5% em comparação ao mesmo período do ano passado, saltando de 55 mil para 68 mil.

Dezenove unidades do Sesc no estado – na capital, interior e litoral – operam o Mesa Brasil. As equipes responsáveis pela coleta e entrega diária de alimentos para as instituições cadastradas foram especialmente capacitadas para os protocolos de prevenção à Covid-19, com todas as informações e equipamentos de proteção individuais e coletivos necessários para evitar o contágio.

“O trabalho do Mesa Brasil tem sido intenso. O momento pede um especial apelo à solidariedade de empresas que têm colaborado fortemente para que seja possível atender a pessoas que se encontram ainda mais vulneráveis devido à pandemia. Em um contexto tão delicado, a entrega de uma cesta básica ou de um kit de higiene para uma família que está passando por dificuldades faz toda a diferença”, explica Luciana Curvello, nutricionista e assistente da Gerência de Alimentação e Segurança Alimentar.

## COMUNIDADES INDÍGENAS

Povos indígenas do estado também estão nesse contexto de vulnerabilidade. Por isso, o Sesc passou a fazer parte de uma grande rede de logística humanitária encabeçada pela Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib). A campanha *A Fome Não Espera*, articulada pela frente de trabalho da Apib no estado de São Paulo e pela Frente de Apoio aos Povos Indígenas (Fapi), tem como objetivo fornecer suporte às aldeias no estado com ações que incluem o combate à insegurança alimentar e nutricional.

“A partir de uma reunião entre lideranças indígenas e indigenistas, simpatizantes da causa, entidades e instituições civis e públicas, houve uma grande mobilização e viabilizamos diversas parcerias. Uma delas é essa com o Programa Mesa Brasil Sesc São Paulo, que contribui com parte significativa dos alimentos distribuídos entre as aldeias”, explica a indigenista Marina Marcela Herrero, coordenadora do Programa Povos Indígenas, na Gerência de Estudos e Programas Sociais do Sesc São Paulo, e também membro da Fapi.

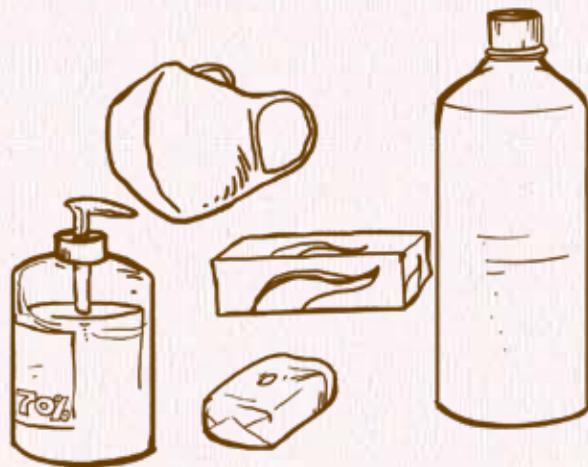
**+ DE 1,7**  
TONELADA  
de alimentos  
foi distribuída

**+ DE 6,8**  
MILHÕES de  
refeições foram  
complementadas

**+ DE 370**  
MIL ITENS de  
higiene e limpeza  
(entre detergentes,  
água sanitária, sacos de lixo,  
álcool 70%, álcool em gel,  
máscaras e sabonetes)  
foram entregues

**884**  
INSTITUIÇÕES  
SOCIAIS no estado  
receberam as doações

Fonte: Mesa Brasil Sesc São Paulo/Dados referentes ao período de abril a junho de 2020



## SUA EMPRESA QUER AJUDAR?

Novas empresas interessadas em realizar doações para o Mesa Brasil podem participar, somando esforços às mais de 1,2 mil empresas já cadastradas. Saiba como:

Para viabilizar as entregas – uma logística que envolve desde a higienização dos alimentos, até a embalagem e divisão –, diversas instituições participam do processo. São elas: A Fapi, a Aliança Universidade e Povos Indígenas (Aupi), o Greenpeace, a Swiss Indigenous Network, a Secretaria de Justiça do Estado de São Paulo, a Secretaria Especial de Saúde Indígena (Sesai) em Peruíbe, a Secretaria Estadual de Desenvolvimento Social do Estado de São Paulo e a Fundação Instituto de Terras do Estado de São Paulo (Itesp).

“Nem todos os alimentos necessários para os kits conseguimos arrecadar entre as doações. Nesses casos, é necessário adquirir os itens faltantes por meio de editais de chamamento público, organizados pelo Instituto de Terras do Estado de São Paulo (Itesp)”, acrescenta Marina. “Essa aquisição é realizada por meio do estado ou das prefeituras locais, mas sempre vindas de agricultores familiares, quilombolas ou produtores agrofloretais ligados ao MST, pois, assim, de alguma forma, ajudamos aqueles que, mesmo tendo produtos para vender, estejam passando necessidade.”

O projeto já está sendo implantado pelo programa Mesa Brasil também nos estados de Santa Catarina, Pernambuco e Piauí, e há mobilização para ampliação a outras regiões em breve. Acompanhe as ações do Mesa Brasil Sesc São Paulo pelas redes sociais @MesaBrasilSescSP e pelo site <https://mesabrasil.sescsp.org.br>.

**Devido à pandemia do novo coronavírus, o Mesa Brasil também está arrecadando produtos de limpeza e higiene pessoal.**

**Ao doar alimentos como:** frutas, verduras e legumes, grãos, cereais, enlatados, conservas, suco, água, pães, bolos, massas, frios, laticínios, carnes, aves, peixes e ovos.

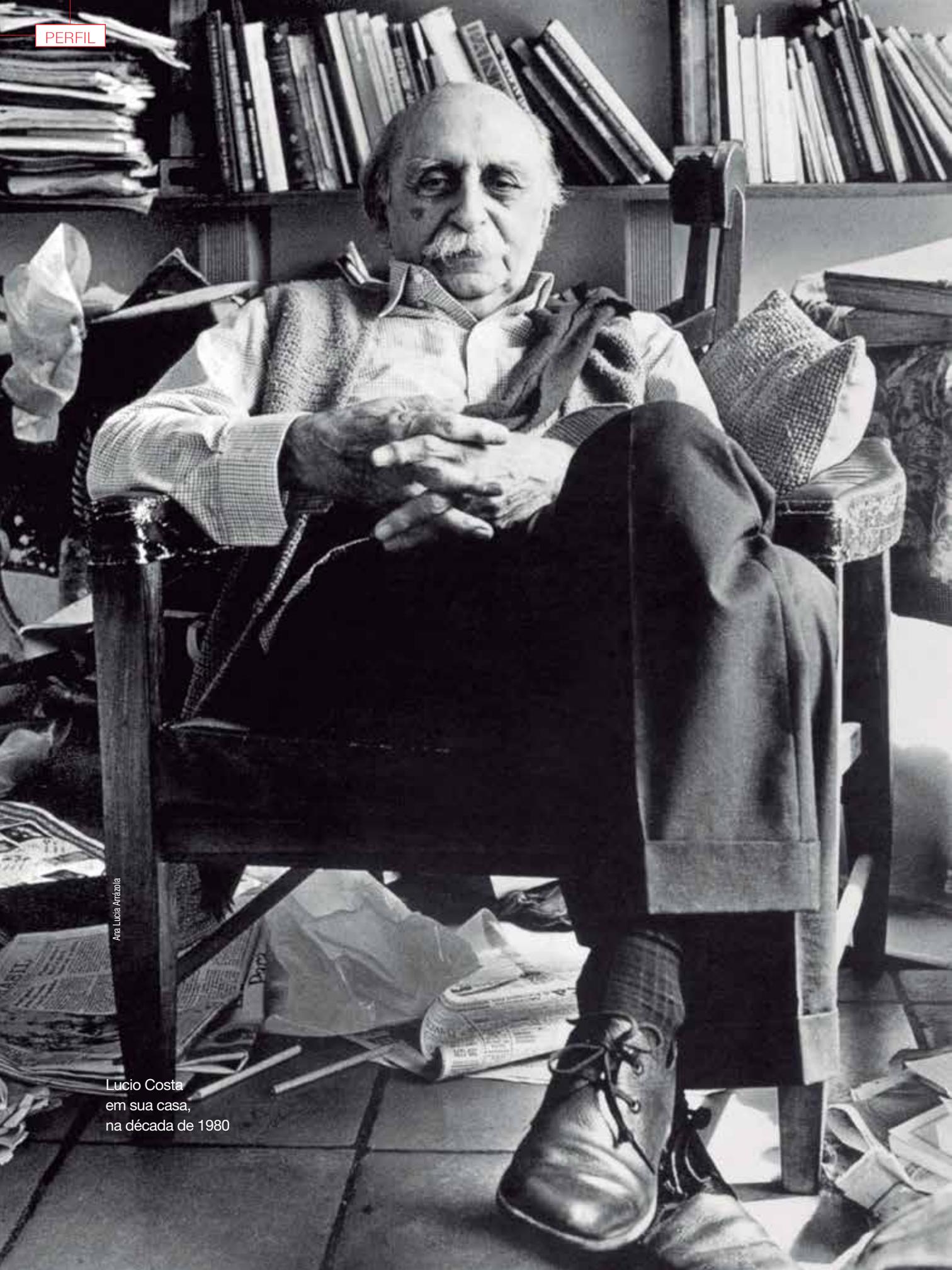


**Podem doar:** centrais de abastecimento, supermercados, atacadistas, padarias, confeitarias, feiras, indústrias, cerealistas, campanhas, entre outros.

Confira as principais vantagens oferecidas pelo Programa às empresas doadoras de alimentos: diminuição dos custos com operações de logística e eliminação de produtos sem valor comercial; fortalecimento da imagem e da reputação da empresa por meio da doação de alimentos, que é uma ação de responsabilidade social, promovendo o retorno social institucional e empresarial; e a contribuição para que as refeições servidas nas instituições sociais tenham maior valor nutricional.

**Ao oferecer serviços ou produtos como:** transporte e logística, combustível, embalagens, produção gráfica e impressão de material didático e institucional, análise microbiológica de alimentos, veículos para o transporte dos alimentos.





Ana Lucia Aráoz

Lucio Costa  
em sua casa,  
na década de 1980

# MODERNO por excelência

A PRANCHETA DE LUCIO COSTA DEU O TOM À  
VIRADA NA ARQUITETURA BRASILEIRA DO SÉCULO 20

Enquanto as viagens e deslocamentos entre as cidades do país estão em suspenso devido à pandemia, podemos revisitar a obra de Lucio Costa nos livros, como a reedição de *Lucio Costa – Registro de uma Vivência*, lançada pelas Edições Sesc São Paulo e Editora 34 (leia *boxe Na estante*), ou em imagens de seus projetos mais conhecidos disponíveis na internet (*leia boxe Ideias na prática*), para ser admiradas em detalhes.

O arquiteto nascido na cidade francesa de Toulon, em 1902, estabeleceu-se no Brasil, onde finalizou os estudos na Escola Nacional de Belas Artes carioca, em 1924. Na esteira de sua formação, desponta o arquiteto, urbanista, teórico e conservador do patrimônio histórico, facetas do seu legado. Sem Lucio Costa, a “arquitetura moderna brasileira seria impensável”, observa o editor do livro publicado pelas Edições Sesc e Editora 34, Milton Ohata.

## ATIVO E REATIVO

Costa chegou a ser diretor da Escola Nacional de Belas Artes, após a Revolução de 1930. No curto tempo em que exerceu o cargo – foi exonerado em 1931, em decorrência das medidas inovadoras que implementou –, promoveu mudanças substanciais na instituição, estimulando a contratação de um novo quadro de professores, fato que desagradou os mais antigos.

Entre os contratados, o ucraniano Gregori Warchavchik e o alemão Alexander Buddeus. Sua gestão é lembrada pelo Salão Revolucionário de 1931, evento na então capital do país, o Rio de Janeiro, do qual participaram artistas da vanguarda paulista responsável pela Semana de Arte Moderna de 1922: Anita Malfatti, Tarsila do Amaral, Candido Portinari e Di Cavalcanti.

## PENSADOR EM AÇÃO

A vertente humanista de Costa o levou a não separar de modo estrito a arquitetura do urbanismo, afirmando que essa não era uma cisão possível. A organicidade de projetos era evidente ao pensar na dinâmica de cidades abertas que otimizavam a circulação de pessoas, com projetos de residências que abarcavam amplas janelas, e a área aberta e de convivência dos pilotis e dos jardins. Os pilotis têm origem no arquiteto franco-suíço Le Corbusier e são pilares feitos de concreto que sustentam uma construção, mas com espaço vazado entre eles, configurando um fôlego ao térreo, onde circulam as pessoas.



Arquivo Lucio Costa

Chegada a Nova York em 1938. Na foto, os arquitetos Oscar Niemeyer e Lucio Costa acompanhados das esposas e filhas

Ao explicar as superquadras de Brasília (grandes quarteirões distribuídos na Asa Norte e na Asa Sul da capital federal), em um dos textos reunidos no livro, Costa vai além e trata dos conjuntos de edifícios residenciais sobre pilotis, que têm na cidade, pela primeira vez, presença urbana contínua. A sensibilidade de seu olhar direciona para a compreensão do chão, que em suas palavras é público, porque “os moradores pertencem à quadra, mas a quadra não lhes pertence. Não há cercas, nem guardas, no entanto, a liberdade de ir e vir não constringe nem inibe o morador de usufruir de seu território, e a visibilidade contínua assegurada pelos pilotis contribui para a segurança”, escreve.

“MEU PAI SEMPRE  
QUIS TER UM  
FILHO ARTISTA E  
ME MATRICULOU  
[na Escola de Belas Artes].  
ENGRAÇADO, ELE,  
COMO ENGENHEIRO  
NAVAL, QUERIA QUE EU  
FOSSE PINTOR  
OU ESCULTOR.”

#### MÃOS À OBRA

Se o desenho e as formas de Brasília são capítulos de referência para a arquitetura mundial, o Plano Piloto de autoria de Lucio Costa é emblemático. Um plano piloto é um projeto que embasa a construção de um empreendimento e foi com esse instrumento relacionado ao urbanismo que a sua ideia venceu o concurso, em 1957, para o projeto urbanístico da nova capital, inaugurada em 21 de abril de 1960. Na opinião de Maria Elisa Costa, filha de Lucio e também arquiteta, “as pessoas tendem a achar que o plano piloto é mera aplicação dos conceitos dos Ciam, em voga na época; mas, na verdade, se Brasília ▶

# Ideias na prática

PARA RELEMBRAR  
PROJETOS MARCANTES

## Vila Operária da Gamboa

Rio de Janeiro, 1933

Conjunto habitacional projetado por Lucio Costa e Gregori Warchavchik, arquiteto ucraniano convidado para lecionar na Escola de Belas Artes e que fixou residência no país. Considerado um dos primeiros conjuntos habitacionais operários do Brasil, despertou em Costa a possibilidade de fazer algo contemporâneo.

## Park Hotel Nova Friburgo

Rio de Janeiro, 1940

Destinado à hospedagem de eventuais compradores de terrenos num loteamento das áreas supérfluas do Parque São Clemente. Foi concebido e inaugurado num prazo mínimo (um ano) e fruto da comunhão de propósitos do arquiteto e do proprietário.

## Parque Guinle

Rio de Janeiro, anos 1940

Conjunto de prédios residenciais localizados no parque, composto por seis pavimentos sobre pilotis, no meio de uma área verde. O uso da “claustra” (cobogó, ou elemento vazado) como vedação de uma fachada inteira de edifício residencial ocorreu pela primeira vez no Brasil nesse projeto.

## Ministério da Educação e Saúde

Rio de Janeiro, 1945

O projeto do edifício-sede data de 1936. A sua construção, iniciada no ano seguinte, foi lenta. Em 1944 já estava praticamente concluído, mas só foi inaugurado em 1945. Le Corbusier veio ao Brasil em 1936 avaliar o projeto – pronto e aprovado – para o Ministério, porque aquela era a primeira vez, no mundo, que se realizaria uma proposta daquele porte na nova linguagem arquitetônica formulada por Lucio Costa.

Fonte: *Lucio Costa – Registro de uma Vivência*  
(Edições Sesc São Paulo e Editora 34)



José Reznik

► buscou nos Ciam o princípio da cidade-parque, dos espaços abertos, dos pilotis livres, buscou na tradição as suas escalas, e é a liberdade sem preconceitos dessa mistura que a define e singulariza”.

Ciam é a sigla para Congresso Internacional da Arquitetura Moderna (Congrès Internationaux d'Architecture Moderne), organização fundada na Suíça, em 1928, considerada o marco acadêmico da arquitetura moderna, com encontros promovidos em diferentes locais, como França, Inglaterra, Alemanha e Bélgica.

Costa também foi diretor da Divisão de Estudos e Tombamentos (DET), do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan), criado em 1937 por determinação do ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema.

A necessidade de preservar o patrimônio cultural brasileiro levou Capanema a convidar o escritor Mário de Andrade, então diretor do Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo, para elaborar o anteprojeto de lei que deu origem ao Sphan, dirigido pelo jornalista e advogado Rodrigo Melo Franco de Andrade até 1967. No órgão foram definidos critérios de análise e tombamento do patrimônio

“MUITOS ARQUITETOS  
SE REVELAM NUM  
PERÍODO DE SUCESSO.  
EU ME FORMEI NO  
FRACASSO.”

“O BOM URBANISMO  
ESTÁ ACIMA DAS  
IDEOLOGIAS.”

Julietta, neta de Lucio Costa, observa Brasília, cidade projetada pelo avô. Abaixo, o arquiteto com Frank Lloyd Wright e Gregori Warchavchik em foto de 1931



Maria Elisa Costa



Arquivo Lucio Costa



arquitetônico e critérios para a intervenção em centros históricos.

A experiência de trabalho nessa área deu a Costa uma longa trajetória em assuntos do patrimônio e preservação, atuando como servidor público do Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), onde se aposentou em 1972.

Em julho de 2010, pouco mais de uma década depois da morte do arquiteto (ocorrida em 1998), foi criado o Centro Regional de Formação em Gestão do Patrimônio – Centro Lucio Costa (como parte do Iphan). O objetivo era ampliar a capacidade de gestão do patrimônio cultural e natural e promover a cooperação entre países de língua oficial portuguesa e espanhola da América do Sul, África e Ásia, incluindo a capacitação de técnicos e gestores dessas regiões. ■

“NÃO DÁ PARA  
SEPARAR A  
ARQUITETURA  
DO URBANISMO.”



## Na estante

LIVRO ROBUSTO ABARCA BASTIDORES DAS CRIAÇÕES E PENSAMENTOS DO AUTOR

O livro *Lucio Costa – Registro de uma Vivência* (reeditado pelas Edições Sesc São Paulo e Editora 34 em 2018) abarca bastidores das criações e pensamentos do autor, reunindo em 654 páginas uma seleção feita pelo arquiteto, publicado originalmente em 1995. São textos, depoimentos, cartas, desenhos, croquis, projetos e fotografias que traçam uma linha do tempo de sua trajetória, ideias e projetos arquitetônicos.

A apresentação é feita pela filha e arquiteta Maria Elisa Costa, com posfácio da pesquisadora e ensaísta Sophia da Silva Telles. A obra traz ainda ilustrações, fotografias e um índice onomástico para orientar a leitura. No livro, acessamos bastidores das criações e o pensamento de Lucio Costa, expresso em seus anos de dedicação à arquitetura e ao urbanismo.

# Espaço aberto

MIGUEL ANTONIO BUZZAR

Lucio Costa foi um arquiteto e urbanista fundamental para a afirmação da arquitetura moderna brasileira e a consolidação de sua corrente hegemônica, que Mário de Andrade, em 1943, comentando o sucesso da exposição Brazil Builds no Museu de Arte Moderna de Nova York, denominou Escola Carioca. As concepções de Costa alinhavam a elaboração de uma linguagem arquitetônica moderna com a formulação de uma cultura nacional.

Seus primeiros trabalhos tinham extração neocolonial. Entretanto, no começo da década de 1930 iniciou uma aproximação decisiva do modernismo, sobretudo, a partir do seu ingresso como diretor na Escola Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro, cargo que ocupou por dez meses, quando implementou o curso de Arquitetura informado pelos postulados modernos.

Em 1936, foi convidado pelo ministro Gustavo Capanema para projetar o edifício-sede do Ministério da Educação e Saúde Pública (Mesp), na cidade do Rio de Janeiro, então capital do país. Obra decisiva para o modernismo brasileiro, para cujo trabalho convidou o arquiteto Le Corbusier como consultor. O edifício do Mesp – hoje Edifício Gustavo Capanema ou Palácio Capanema – foi um dos primeiros arranha-céus modernos construídos, um prisma com duas faces (empenas) longitudinais envidraçadas, sendo uma com *brises soleils*, elemento de proteção da incidência dos raios solares previsto por Le Corbusier para um projeto em Barcelona não construído. Com estrutura de concreto, o edifício sobre pilotis permite a livre circulação em uma quadra urbana praticamente toda redesenhada.

A ação de Costa ao convidar Le Corbusier delineou com qual corrente moderna estava estabelecendo – e pretendia aprofundar – sua interlocução arquitetônica. As ideias do arquiteto franco-suíço já circulavam no Brasil e na América Latina. Em 1930, retornando de navio à Europa após uma estadia na Argentina, onde preferira dez palestras, escreveu o manuscrito intitulado *Précision*, em que explicava as questões das palestras:

*Termino com o enunciado dos elementos plásticos do urbanismo e dos seus elementos poéticos. Primeiro, em planta: os espaços diversificados [...]. Depois, em vista [...], isto que desenho: primeiro o solo, coberto de verde; os rios de circulação atravessam, e os estacionamentos estão rodeados de árvores. Eis como corre, até se perder de vista, uma autoestrada sobre os seus pilotis.*

*Dominando as árvores, ou correndo no meio das suas ramagens, entre folhas e relva, há as ruas “elevadas”, construções com três desníveis, onde se encontram os cafés, as lojas e os passeios. Aqui, os grandes edifícios de habitação com serviços comuns, sem pátios e abertos sobre parques. Eis os arranha-céus todos de vidro, brilhando na atmosfera. Mas continuamos a ser homens, os mesmos homens de sempre, com os nossos olhos a 1,7 metro acima do solo. Aqui está o autêntico espetáculo da intensa, da radiante cidade moderna: uma sinfonia de verde, de folhagem, de ramagens e de relvados e esplendor de diamantes através da arborização. (Le Corbusier, 1930)*

Os conceitos presentes nesse escrito, com algumas mudanças, podem ser interpretados como um dos componentes mais profícuos da Carta de Atenas, documento com algumas versões que teve a mais conhecida – a do próprio Le Corbusier – publicada em Paris em 1941. Fruto do 4º Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (1933), essa carta sintetiza os postulados urbanísticos modernos, constituindo-se na sua base.

As ideias presentes na Carta de Atenas tiveram larga circulação pelo Brasil, e novamente coube a Lucio Costa experimentá-las de forma ampla no Plano Piloto para Brasília. Ainda que haja outras informações presentes na concepção do Plano, os espaços das superquadras com seus edifícios sobre pilotis em meio às áreas verdes dialogam vivamente com o proposto para a Ville Verte e na Carta de Atenas, como pode ser observado no Relatório sobre o Plano Piloto de Brasília:

*Quanto ao problema residencial, ocorreu a solução de criar-se uma sequência contínua de grandes quadras dispostas, (...) emolduradas por uma larga cinta densamente arborizada, árvores de porte, prevalecendo em cada quadra determinada espécie vegetal, com chão gramado e uma cortina suplementar intermitente de arbustos e folhagens, a fim de resguardar melhor, qualquer que seja a posição do observador, o conteúdo das quadras, visto sempre num segundo plano e como que amortecido na paisagem. Disposição que apresenta a dupla vantagem de garantir a ordenação urbanística mesmo quando varie a densidade, categoria, padrão ou qualidade arquitetônica dos edifícios, e de oferecer aos moradores extensas faixas sombreadas para passeio e lazer, independentemente das áreas livres previstas no interior das próprias quadras.*

*Dentro destas “superquadras” os blocos residenciais podem dispor-se da maneira mais variada, obedecendo porém a dois princípios gerais: gabarito máximo uniforme, talvez seis pavimentos e pilotis, e separação do tráfego de veículos do trânsito de pedestres, mormente o acesso à escola primária e às comodidades existentes no interior de cada quadra. (Costa; 1957)*

Assim, a concepção projetual de Costa, quer através da arquitetura, quer através do urbanismo, mesmo que sua produção profissional não seja extensa, é muito sólida. Associada às suas formulações teóricas, ela possui enorme importância para a arquitetura moderna brasileira, na qual a fruição espacial, a amplitude dos espaços livres e a continuidade interior e exterior propiciada por grandes aberturas possuem grande expressão e significado.

**MIGUEL ANTONIO BUZZAR** é arquiteto, urbanista e autor do livro *Rodrigo Brotero Lefèvre e a Vanguarda da Arquitetura no Brasil* (Edições Sesc São Paulo, 2019).

# O MELHOR DE CADA ATO

LEGADO DE  
ANTUNES FILHO  
SEGUE VIVO  
À DISPOSIÇÃO  
DO PÚBLICO

Ícone do teatro brasileiro, Antunes Filho (1929-2019) tem sua obra ao alcance dos amantes das artes cênicas na plataforma Sesc Digital (leia boxe *Acervo compartilhado*), em mostra virtual iniciada no mês de maio, um ano após a morte do diretor. Ilustre morador do bairro do Bixiga, um dos pioneiros das artes dramáticas contribuiu para a formação de gerações de artistas dedicados ao teatro no país.

Quando jovem, estudou Direito por um tempo, mas, em 1952, já era assistente de direção no Teatro Brasileiro de Comédia (TBC), onde trabalhou com Antônio Abujamra, Fernanda Montenegro, Paulo Autran, entre outros atores. Em trajetória ascendente, dirigiu no ano seguinte a primeira peça, *Week-end*, uma adaptação da obra do britânico Noel Coward.

Suas criações eram estimuladas pelas inovações do teatro mundial e pelo círculo de realizadores estrangeiros que passaram pelo Brasil na época, entre eles, o polonês Zbigniew Ziembinski.

Antunes Filho,  
em retrato de 2009

## REVOLUCIONÁRIO

O método de Antunes é um de seus legados. Desmembrando a palavra, o método se revela desde a lista de livros indicada por ele aos atores e atrizes até a ação em si, ou seja, vai do processo de pesquisa à prática dramatúrgica. O vértice da revolução foi o Centro de Pesquisa Teatral (CPT), atuante na unidade Consolação desde 1982.

Em entrevista concedida para a edição de junho de 2019 da *Revista E*, o fotógrafo Emidio Luisi, que manteve sua câmera em foco nos bastidores dos espetáculos de Antunes por mais de 40 anos e cujas fotos ilustram esta matéria *Gráfica*, pontuou a característica do criador que mais saltava aos olhos, a exigência, a busca do melhor em cada ato. “Ao dizer ‘você não pode gostar de teatro, tem que se apaixonar por teatro’, ele deixa clara a dedicação ao ofício”, acrescenta Luisi. “O que aprendi foi a metodologia que ele ensinou aos atores, o ensinamento deixado em cada espetáculo.”

## MÉTODO

Ator e diretor, parte do CPT, Emerson Danesi explica que o método de Antunes se relaciona com a preocupação com a formação do ator e do cidadão, além da disciplina, conhecimento, técnica corporal e vocal. “Por isso desenvolveu uma série de exercícios de percepção, sensibilização e abertura do instrumento físico (corpo e voz) para o ator/atriz, ampliando o repertório gestual, sonoro e do imaginário”, afirma.

“Se um pintor tem suas ferramentas e possibilidade de se afastar da sua pintura para observá-la e se um músico tem seu instrumento separado de si e ouve a afinação e as notas que poderão ser tocadas, como é que o ator ou a atriz poderão entender que, apesar de não terem esse espaço do seu instrumento de criação e expressão que é o próprio corpo, encontrarão por meio de treinamentos o afastamento necessário para a compreensão entre o que é o seu corpo real e o seu corpo poético?”, questiona.

Com mais de 60 prêmios conquistados ao longo da carreira, Antunes tornou-se um radar da dramaturgia, dialogando com a tradição internacional e cânones nacionais, elencados em adaptações de obras literárias como *Macunaíma* (Mário de Andrade, 1978), *A Hora e a Vez de Augusto Matraga* (Guimarães Rosa, 1986) e *A Pedra do Reino* (Ariano Suassuna, 2006). ■



Divulgação

## ACERVO COMPARTILHADO

*Veja – ou reveja –  
depoimentos e trabalhos  
marcantes do diretor*

Algumas das joias de Antunes Filho estão disponíveis na plataforma do Sesc Digital (<https://sesc.digital/colecao/antunes-filho>). Criações teatrais de diferentes períodos, como *A Pedra do Reino* (2006), *Lamartine Babo* (2009), *Toda Nudez Será Castigada* (2012), *Blanche* (2016), estão lado a lado dos seis episódios da série *O Teatro Segundo Antunes Filho* (2002). Também é possível ver sua incursão pelo cinema, com o filme em preto e branco *Compasso de Espera* (1973) – um dos primeiros no Brasil a trazer à cena um protagonista negro da classe média. Nas redes sociais @sescsp e @sescconsolacao (e de outras unidades), estão registrados depoimentos de atores e atrizes que trabalharam com Antunes.

BAIXE NOSSO APP E  
VEJA MAIS IMAGENS



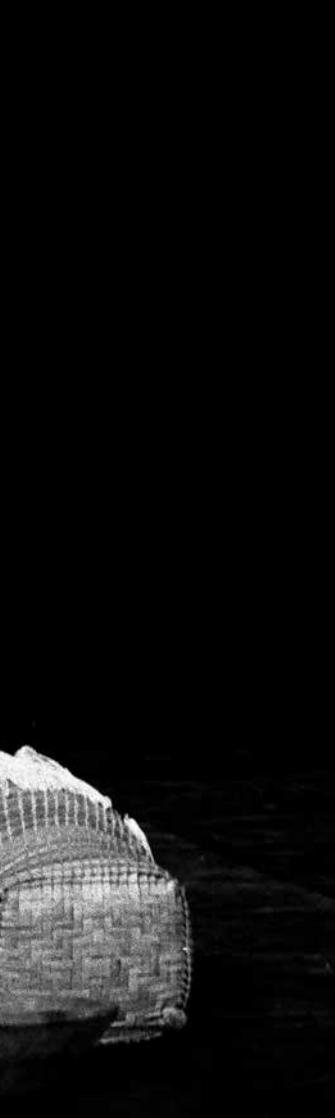


*Macunaíma*, 1978.

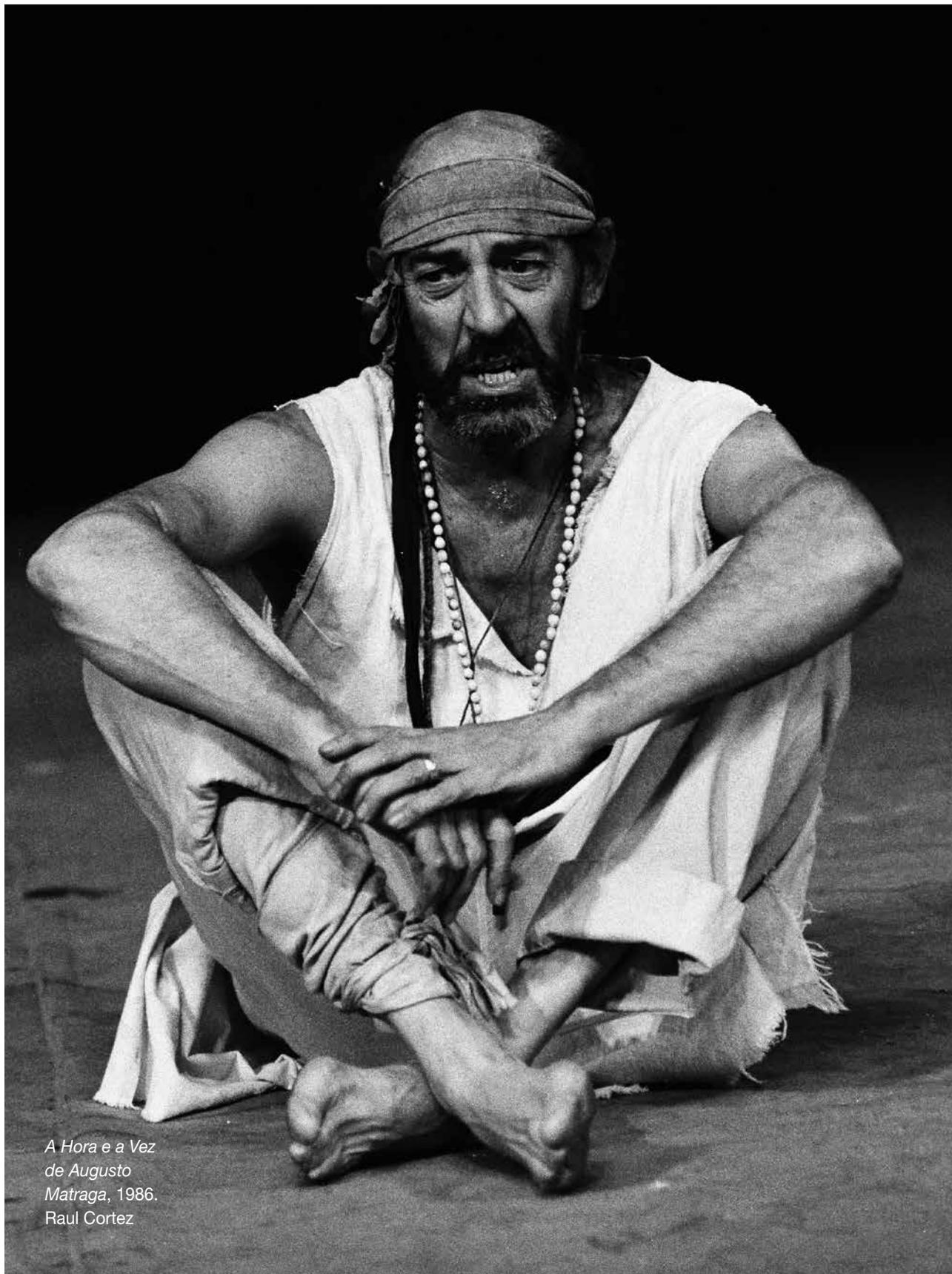
Darci Figueredo, Marcos Oliveira e Marlene Fortuna



*Nelson Rodrigues, o Eterno Retorno*, 1981.  
Salma Buzzar, Lígia Cortez, Tássia Camargo e Angela Pralon



*Romeu e  
Julieta*, 1984.  
Giulia Gam



*A Hora e a Vez*  
de Augusto  
Matraga, 1986.  
Raul Cortez



*Xica da Silva*, 1988.  
Dirce Thomaz



*Xica da Silva*, 1988.  
João Carlos Luz,  
Jefferson Primo,  
Yunes Chami,  
José Rosa,  
Rita Martins,  
Arciso Andreoni e  
Ailton Graça



*Paraíso, Zona Norte, 1989.*  
Flávia Pucci e Hélio Cícero



*Nova Velha Estória*, 1991.  
Samantha Dalsoglio

- ▼ *Trono de Sangue Macbeth*, 1992.  
Luis Melo e Walter Portella





*Vereda da  
Salvação*, 1993.  
Luis Melo e  
Laura Cardoso

*Drácula e Outros Vampiros*, 1996. ►  
Ludmila Rosa e Eduardo Còrdobhess

*Gilgamesh*, 1995.  
Rosana Bonaparte e Luis Melo







*Fragmentos Troianos, 1999.*  
Gabriela Flores

*Medeia*, 2001.  
Gilda Nomacce, Adriana  
Patias, Daniele do  
Rosário, Karina Greccu,  
Suzan Damasceno e  
Juliana Galdino



▼ *O Canto de Gregório*, 2004.  
Arieta Corrêa, Rodrigo Fregnan e elenco





*Antígona*, 2005.  
Marília Simões e Carlos Morelli

▼ *Foi Carmen*, 2005.  
Lee Taylor e Patricia Carvalho





*A Pedra do Reino*, 2006.  
Lee Taylor



*Senhora dos Afogados*, 2008.  
Eric Lenate, Marcelo  
Villas Boas e Angélica di Paula



*A Falecida*  
*Vapt-Vupt*, 2009.  
Bruna Anauate,  
Oswaldo Gazotti e  
Walter Granieri

▼ *Policarpo Quaresma*, 2010.  
Lee Taylor





*Lamartine Babo*, 2010.

Flávia Strongolli, Domingas Person e Ivo Leme



*Prêt-à-Porter*,  
2002.  
Suzan Damasceno  
e Emerson Danesi

*Prêt-à-Porter*, 2002. ►  
Juliana Galdino e  
Arieta Corrêa



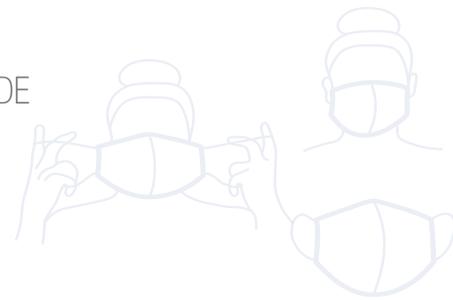
*Prêt-à-Porter*, 2008.  
Angélica di Paula e  
Simone Iliescu



# Tecer novos **HORIZONTES**



## PRODUÇÃO DE MÁSCARAS ARTESANAIS DE TECIDO AMPLIA REDE DE PROTEÇÃO À SAÚDE E PROMOVE AÇÃO SOLIDÁRIA



Eu te protejo e você me protege. Seguindo esse princípio, a máscara se tornou um símbolo de cuidado e de coletividade.

Classificada pelos órgãos de saúde como importante instrumento para diminuir as taxas de transmissão do novo coronavírus, a máscara de tecido é indicada para minimizar os riscos de uma pessoa contaminada, sintomática ou não, disseminar o vírus. Estamos aprendendo – e nos adaptando a – outra forma de viver e de conviver. Cuidando um do outro, estaremos todos mais protegidos.

Sobre esse cenário, o psicanalista Christian Dunker, professor do Departamento de Psicologia Clínica da Universidade de São Paulo (USP), escreveu em seu blog: “Nesse sentido, a tecnologia representada pela máscara é o inverso da técnica do muro, empregada pela lógica dos condomínios”. Ou seja, “no muro, eu torno o outro invisível e perigoso, eu me protejo dele criando uma realidade artificial onde só existem pessoas como eu mesmo”. No entanto, ele complementa, “a máscara é uma forma de reconhecer a importância do outro”. Trata-se, portanto, de uma barreira necessária para a convivência, e não para o isolamento.

Associada a medidas preventivas, como higienização das mãos, atenção ao tossir e espirrar, evitar tocar mucosas de olhos, nariz e boca, e distanciamento social, a máscara é indispensável para quem precisa sair de casa. Inclusive, o uso obrigatório em São Paulo ganhou decreto estadual no começo de maio, por tempo indeterminado. E, em junho, o Congresso aprovou o projeto de lei que obriga o uso de máscaras em locais públicos ou privados, em todo o país.

◀ Patrícia Campos, educadora de tecnologias e artes do Sesc na unidade Avenida Paulista, confecciona máscaras de sua casa para o projeto Tecido Solidário

### TRABALHO EM REDE

A máscara de tecido trouxe ainda possibilidades de empreender. Formada em Moda pela Universidade Anhembi Morumbi, Selma Paiva trabalhava com figurino de teatro e também realizava, antes da pandemia, oficinas de costura no Ateliê Cendira – espaço coletivo criado em 2016 com mais duas sócias, cujo foco é o bem-estar, autocuidado, moda sustentável e diversas atividades voltadas ao empoderamento e empreendedorismo das mulheres no Jardim São Luís, zona sul da cidade.

Desde o começo das medidas preventivas contra o novo coronavírus, Selma e sua mãe buscaram uma alternativa para a geração de renda. Juntas, fizeram modelagem, corte e costura, e ainda empregaram mais duas ajudantes para finalizar a produção e entrega de 300 máscaras de pano para o projeto Tecido Solidário do Sesc São Paulo (leia boxe *Somar forças*). “Por causa dessa confecção, estou conhecendo outros grupos de mulheres para formar uma grande rede. São várias iniciativas, coletivos ou empreendedoras sozinhas, todas se juntando. Espero que continue dessa mesma forma porque não tinha isso antes. Era cada uma na sua ilha. De repente, apareceram muitas costureiras das zonas norte, sul, leste e oeste”, conta Selma.

Seja na máquina de costura ou à mão, a criação deste item também tem sido uma forma de repensar, segundo a empreendedora do Ateliê Cendira, a valorização de quem trabalha nesse segmento. “Acho importante a valorização da profissão de costureira, mas também repensar sobre sustentabilidade e consumismo desenfreado”, analisa. “Eu cresci vendo minha mãe costurar e eu fiz moda. O resto de tecido que iria para o lixo sempre me incomodou. Então, fazer a máscara ainda te traz a possibilidade de aproveitar qualquer retalho”, acrescenta.

### AÇÃO SOLIDÁRIA

Essa mesma alternativa está dando suporte aos participantes do Projeto Tear, no município de Guarulhos. Fundado em 2003, o Tear é um serviço da rede de atenção psicossocial que atua no campo da inclusão social pelo trabalho, convivência e cultura da população em situação de sofrimento psíquico. Vinculado à Secretaria Municipal da Saúde, é um espaço de oficinas de marcenaria, serigrafia,

encadernação, costura, culinária, jardinagem, mosaico, entre outros ofícios, onde os participantes (a partir de 18 anos) aprendem, criam e recebem pela venda de seus produtos.

Em parceria com o Sesc Guarulhos, a instituição deve produzir 1.500 máscaras para o projeto Tecido Solidário. A iniciativa envolve, em cada ponto dessa teia, 16 pessoas. “Todo o valor da confecção vai ser revertido para pagamento de uma bolsa-auxílio para todos os participantes, já que neste momento da pandemia estamos sem poder produzir coletivamente e fisicamente em nosso espaço. E, se não produzimos, não vendemos”, explica Denise Castanho Antunes, coordenadora de equipe do Projeto Tear.

Ao todo, 120 pessoas receberão a bolsa-auxílio, inclusive aquelas que por pertencerem a um grupo de risco, ou por outras complicações, não puderam se envolver na produção. “Trabalhamos com pessoas que não estão inseridas no mercado de trabalho. E essa oportunidade é fundamental”, destaca Denise. “A gente está envolvida numa ação que vai gerar benefícios para outras pessoas. Vamos multiplicar esse benefício. Esse é o lado humanitário da confecção das máscaras.” ■



Confecção de máscaras pelo Projeto Tear, parceiro na ação Tecido Solidário

## Somar forças



AÇÃO DE PRODUÇÃO E DOAÇÃO INTEGRA DIFERENTES SEGMENTOS SOCIAIS

Além de promover diversas ações de enfrentamento à pandemia, o Sesc São Paulo reforça seu compromisso social e educativo com o projeto Tecido Solidário. O objetivo é mobilizar a capacidade produtiva de cooperativas de costureiras e outras entidades sociais presentes no território de suas unidades, além de funcionários da instituição, para confecção de máscaras de tecido e distribuição gratuita. Dessa forma, há geração de renda e incentivo à integração de diferentes segmentos sociais neste momento.

Essas ações, segundo Midiã Claudio, assistente da Gerência de Educação para a Sustentabilidade e Cidadania, integram o trabalho social que a instituição vem realizando desde o início da pandemia. “O conceito de solidariedade presente no nome do projeto materializa-se no engajamento espontâneo dos funcionários e funcionárias do Sesc São Paulo na produção das máscaras, na geração de renda para iniciativas sociais e pequenos empreendedores e empreendedoras a partir das contratações feitas pelas unidades em todo o estado, na doação desse item para trabalhadores e populações dos territórios mais expostos”, explica.

O foco de educação em saúde também faz parte desse projeto e começa ainda na fase de produção das máscaras, etapa em que as pessoas envolvidas recebem orientações de como realizar a confecção dos itens de forma segura e quais tecidos são apropriados. Na etapa de distribuição, são dadas dicas de como as máscaras devem ser usadas, a importância de incorporar o uso na rotina e como deve ser feita a higienização. O projeto conta ainda com um suporte de materiais gráficos impressos, vídeos e cards distribuídos pelo WhatsApp e também pelas redes sociais do Sesc.

Mais de 50 cooperativas e entidades sociais mapeadas participam dessa ação. Entre as primeiras instituições que iniciaram as atividades de produção

estão, na capital, o espaço de cuidado e bem-estar de mulheres periféricas Ateliê Cendira, no Jardim São Luís; o Projeto Tear, no município de Guarulhos; o grupo de artesãos Rede CriaNorte, na Vila Guilherme; a marca de vestuários com atuação local Mile Lab, no Grajaú; e os coletivos de costura Meninas Mahin, na Vila Progresso, e SoudPano, em Guaianases. No interior do estado, o Instituto Empodera, em Sorocaba; a Casa do Hip Hop, a Apae e o Quintal da Dona Marta, todos na região de Piracicaba; e a Rede Solidária, em Birigui, entre outras associações.

#### OUTRAS MÃOS

Pequenos núcleos de produção também foram compostos por funcionários do Sesc São Paulo que quiseram contribuir com a mobilização. A rede de unidades possui, no total, cerca de 200 máquinas de costura, que normalmente são usadas em cursos e oficinas – atualmente suspensas –, e parte delas está sendo enviada às casas dos funcionários que se engajaram na ação.

Ao final, as máscaras serão distribuídas entre comunidades em situação de vulnerabilidade, instituições atendidas pelo programa Mesa Brasil, entidades sociais, cooperativas de materiais recicláveis, funcionários do Sesc e outros grupos identificados como prioritários.

O projeto Tecido Solidário se soma a outras iniciativas do Sesc, como a doação de máscaras cirúrgicas, toucas sanfonadas, luvas de procedimento e luvas plásticas provenientes dos estoques das clínicas odontológicas e serviços de alimentação das unidades do Sesc. Outra ação nesse sentido é a fabricação digital, também para doação, de protetores faciais, indicados como equipamentos de proteção complementares.



Assista ao vídeo realizado pelo Sesc Araraquara sobre o projeto Tecido Solidário

#### Por que usar?

A máscara é uma barreira que diminui a circulação do vírus.

#### Quando usar?

Sempre que estiver em ambientes coletivos.

#### Quem deve usar?

Todos devem usar. Apenas crianças menores de 2 anos devem evitar o uso.

#### Como usar



Lavar a máscara antes do primeiro uso



Lavar as mãos antes de colocar a máscara



Manipular sempre pelas alças e cobrir queixo, boca e nariz



Não colocar as mãos na parte central do tecido e não tirar a máscara para falar



Usar por no máximo 2 ou 3 horas



Lavar as mãos antes e depois de retirar a máscara



Colocar a máscara usada em uma sacola plástica



Ao sair, leve mais de uma máscara limpa, para trocar quando necessário

#### Como cuidar



Lavar a máscara sempre que usar, com água e sabão



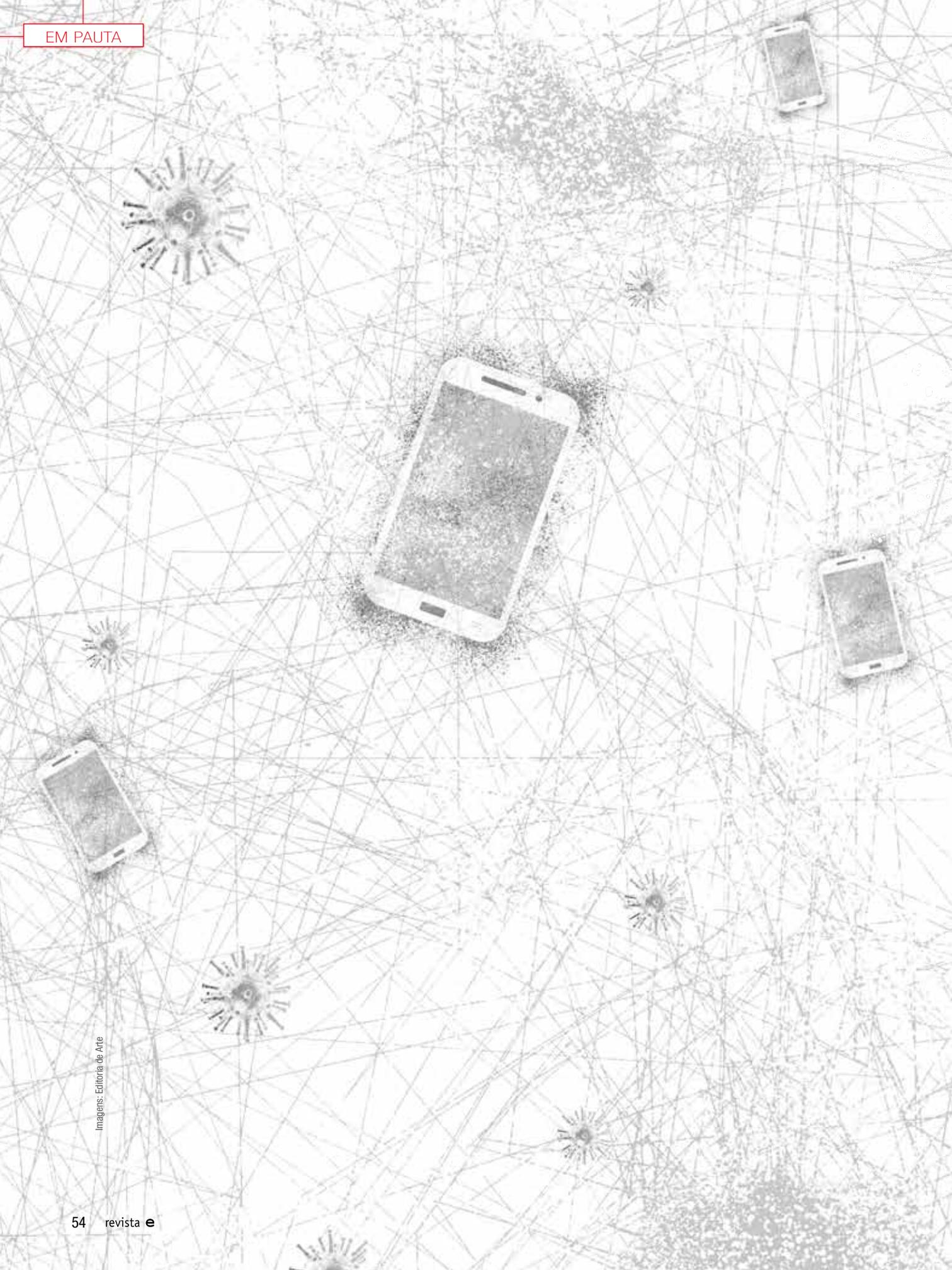
Deixar de molho em solução com água sanitária (2 colheres para cada litro de água) por 20 minutos



Deixar secar bem



Passar com ferro quente, sempre que possível



Imagens: Editora de Arte

# Comunicação em tempos de PANDEMIA

Ação de transmitir uma mensagem e, eventualmente, receber outra como resposta reverbera com intensidade neste cenário provocado pelo novo coronavírus. Desde meados de março, a comunicação por meio de mensagens eletrônicas e pela mediação de plataformas digitais prevalece sobre a conversa cara a cara. Passamos a nos comunicar mais, inclusive, com interlocutores cada vez mais distantes geograficamente. Além disso, há uma velocidade maior de produção e consumo de notícias. “A necessidade de isolamento social criou um paradoxo: nunca estivemos mais próximos e mais distantes ao mesmo tempo. Nesse cenário, a mídia e a comunicação têm um papel crucial”, afirma Luís Mauro Sá Martino, doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Pela primeira vez, todo o mundo passa pela mesma crise simultaneamente, tornando visíveis ações de empatia e solidariedade que atravessam fronteiras por meio da internet e de redes sociais. “No caminho para sermos uma aldeia menos desigual, precisamos apostar na nossa humanidade”, aponta Helena Jacob, doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Será que a comunicação de hoje transformou, pela primeira vez, o mundo numa aldeia global, única, e simultânea? Neste *Em Pauta*, Martino e Jacob refletem sobre o assunto.

# A vida além dos likes

LUÍS MAURO SÁ MARTINO

Nunca, como espécie, enfrentamos um desafio deste tamanho. Não se trata mais de países em guerra ou povos em conflito, mas de toda uma espécie ameaçada – a nossa. Irônico: nós, que durante séculos ameaçamos outras vidas no planeta, agora enfrentamos um risco inédito. A necessidade de isolamento social criou um paradoxo: nunca estivemos mais próximos e mais distantes ao mesmo tempo. Nesse cenário, a mídia e a comunicação têm um papel crucial. Não podemos subestimar o poder da informação.

Uma boa parte do nosso acesso à realidade é por meio da mídia, especialmente das redes digitais. Muito do que podemos ver sobre o mundo chega até nós pelas informações que circulam nas mídias, seja um portal de notícias, seja no grupo da família. A partir delas, ao lado de outros fatores, formamos nossas opiniões e definimos atitudes.

Houve um tempo em que esse poder estava localizado nas grandes empresas de mídia, que agrupavam a produção de informações. Essa concentração ainda existe, mas o cenário se expandiu. Atualmente, cada uma e cada um de nós podem decidir, ao receber uma notícia, se vão passá-la para a frente ou não – e assumir a responsabilidade ética por isso. Por esse motivo, mais do que nunca precisamos pensar no que estamos fazendo ao divulgar informações (“grandes poderes trazem grandes responsabilidades”, como sabem todos os fãs do Homem-Aranha).

Estamos obrigatoriamente ligados pelas mídias digitais – ao menos para aqueles que têm a possibilidade de trabalhar de casa, lembrando que não é todo mundo. Mas o mundo pré-Covid-19 era mesmo muito diferente nesse ponto? Não vivíamos olhando para telas luminosas o tempo todo? O distanciamento social já não acontecia de outra maneira, quando, às vezes, estávamos na presença física de outras pessoas, mas ocupados demais com nossos *smartphones*?

Como lembra a filósofa Simone Weil, a escuta e a atenção estão entre os presentes mais importantes que podemos oferecer a outro ser humano. Talvez, neste

momento, seja hora de retomar a escuta atenta, cada vez mais rara em uma sociedade onde falamos muito, postamos muito, e respondemos pouco. Agora que, para algumas parcelas da população, a presença física foi reduzida ao mínimo, talvez a gente comece a perceber que o mundo *offline*, afinal, fazia uma imensa diferença.

## INFORMAÇÃO X COMUNICAÇÃO

Será que, na prática, não temos muita informação, mas pouca comunicação? “Informar não é comunicar”, diz o pesquisador Dominique Wolton no título de um de seus livros. Isso leva a outra pergunta: o que significa “comunicação”?

A palavra vem do latim *communis*, que significa “tornar algo comum”. Essa ideia está nas vizinhanças de outras expressões que usamos no cotidiano, como “comum”, “comunidade” e “comunhão”. E aqui temos uma primeira armadilha da palavra: geralmente, quando falamos de “comum”, é no sentido de “normal”, “cotidiano”, que não tem nada de especial. Não está errado, mas o sentido vai além disso.

A comunicação exige uma atitude diferente em relação aos outros, perguntando “O que podemos ter em comum?”. O que compartilhamos, além de nossa condição humana? Comunicar, nesse sentido, é uma ação, um gesto que fazemos na direção de outra pessoa quando assumimos que, para além de todas as diferenças, temos algo em comum.

Se, por algum motivo, achamos que não há nada em comum com outra pessoa, a comunicação se torna impossível. É o que, infelizmente, encontramos às vezes nas mídias sociais: posicionamentos rígidos, que dificultam, ou impedem, qualquer debate. O resultado da ausência de comunicação geralmente é o conflito, a ruptura, a incompreensão da diferença. Talvez por isso,



AGORA QUE, PARA ALGUMAS  
PARCELAS DA POPULAÇÃO,  
A PRESENÇA FÍSICA FOI REDUZIDA  
AO MÍNIMO, TALVEZ A GENTE COMECE  
A PERCEBER QUE O MUNDO *OFFLINE*,  
AFINAL, FAZIA UMA IMENSA DIFERENÇA

lembra a filósofa Edith Stein, a empatia seja muito mais difícil do que se imagina – e começa com a tentativa de construir algo em comum.

Isso significa também respeitar e valorizar o que nos torna diferentes. A comunicação é uma tentativa de encontrar o que há de comum na diferença – e não reduzir as diferenças a um rótulo para encaixá-las na minha maneira de ver o mundo. Às vezes, na velocidade das mídias digitais, classificamos as pessoas a partir de um único comentário, uma foto, um *post*. Toda a complexidade do outro é diminuída a uma única definição, categórica, quase certa.

De certa maneira, a comunicação é um pouco o contrário disso: é incerteza, ambiguidade, abertura para o que *pode ser*. A relação com os outros nos desloca de nossa zona de conforto, nos leva para longe daquilo que somos, revela um pouco do que podemos ser. Todas e todos nós, além do que *somos*, também temos a *potência de ser*. Como diz Friedrich Nietzsche em *A Gaia Ciência*, poder “tornar-se aquilo que você é”.

Evidentemente, isso não é fácil. Não é todo dia que estamos com vontade de ter uma abertura para o outro, encontrar pontos em comum, lidar com a complexidade do ser humano. Há pessoas difíceis – assim como a gente também deve parecer difícil para outras pessoas. Nem sempre estamos com humor para isso, e é importante reconhecer esses momentos. Respeitar o negativo é uma maneira de lidarmos com nossa condição humana. É uma forma de estabelecer a comunicação mais importante – com a gente mesmo.

### UM NOVO MUNDO

Quando se vive em uma ideia constante de eficiência, raramente temos tempo para entrar em contato conosco, ouvir nossos pensamentos, escutar o corpo. Às vezes,

só nos lembramos disso quando a mente e o corpo mandam a conta pelo cansaço constante, e a saúde mental ou física soa o alarme. A vida de alta performance, exigida o tempo todo, nos coloca em uma velocidade adequada às exigências da técnica, mas talvez não aos seres humanos. E vale lembrar: se criamos esse mundo, ele pode ser modificado.

Conectados, estamos na presença constante uns dos outros, diante de todo o planeta, e diante de nós mesmos. Não é a diferença que dificulta a comunicação, mas a indiferença. Indiferença em relação ao outro do qual não preciso, com quem não me sinto compartilhando nada, de quem mal vejo a humanidade. Quando deixo de ver na outra pessoa as mesmas características que me definem, lembra a filósofa Hannah Arendt, abro caminho para esquecer sua condição humana.

Na reconstrução do mundo pós-Covid, a mídia e a comunicação serão fundamentais para definir os rumos que poderemos tomar. Um uso das redes sociais com mais responsabilidade, partindo de cada um e cada uma de nós, pode aumentar nossa capacidade de diálogo e entendimento. E a comunicação, criando espaços comuns, pode nos ajudar a construir uma convivência melhor. Antes desse futuro, talvez seja necessária uma atitude difícil, mas importante – a coragem de aprender com este momento. ■

**LUÍS MAURO SÁ MARTINO** é doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), professor e pesquisador de Comunicação na Faculdade Cásper Libero, além de autor de *Comunicação: Troca Cultural* (Paulus, 2005) e *Comunicação e Identidade* (Paulus, 2010).

# A comunicação será a melhor arma contra as desigualdades no mundo

HELENA JACOB

Temos, como sociedade, o hábito de realizar eventos para contar sobre grandes mudanças nas nossas vidas: um bebê que vai nascer, um casamento que irá acontecer, uma descoberta científica que vai revolucionar o mundo. Usamos sempre o ato de comunicar e, portanto, de nos vincularmos uns aos outros para fazer a vida acontecer. Diferentemente do que muitos imaginam, transformamos a comunicação não pelas novas tecnologias, como podemos supor enganosamente no acelerado século 21, mas pelos nossos relacionamentos.

A chave continua sendo a necessidade do homem de “tornar comum”, como o sociólogo Muniz Sodré se refere ao falar do processo humano de comunicar. E isso continua válido no mundo de hoje, profundamente transformado, desde 31 de dezembro de 2019, quando foi registrado o primeiro caso do novo coronavírus (SARS-COV2), que é o causador da Covid-19. Vemos aumentar a dependência dos meios que permitem que o fluxo comunicacional continue a existir. E isso acontece tanto por causa dos nossos trabalhos e estudos, quanto e, principalmente, por causa dos nossos relacionamentos. Gregários, como somos, estar em isolamento social é doloroso e potencialmente autodestrutivo.

Tentando escapar dessa tragédia do estar só, nos comunicamos e consumimos informação como nunca, alterando para sempre os caminhos do tornar comum. Mais agora com a mediação constante das tecnologias, acelerando um processo já em curso há alguns anos na nossa sociedade.

Tanto na vivência e enfrentamento atuais da pandemia da Covid-19, quanto no futuro próximo alterado profundamente pela urgência de saúde pública mundial, a importância da comunicação se desvela em muitas esferas. Assim é, por exemplo, no trabalho de combate às *fake news*, monstruosidades que custam vidas e matam na guerra da desinformação.

Nesta realidade não somos ainda capazes de precisar qual será nosso futuro. Contudo, urge discutir se somos mesmo uma aldeia global, próxima daquela tribo

conectada pelos canais de comunicação que Marshall McLuhan discutiu no clássico *A Galáxia de Gutemberg*, nos anos 1960, ou se estamos mais para a realidade das fronteiras fechadas, grito xenófobo que se aproveita da catástrofe para aumentar muros e aprofundar desigualdades. A partir dessa questão, quais cenários podemos discutir para a comunicação pós-pandemia, sabendo que aquilo que nos norteia neste cenário é, de saída, a imprevisibilidade?

## SOMOS UMA ALDEIA?

Em tempos de guerra pandêmica, temos acessos desiguais àquilo que a OMS (Organização Mundial da Saúde) classifica como arma de combate ao novo coronavírus: a informação de qualidade. Ou seja, eficaz no sentido de informar e assim ajudar a prevenir, combater o vírus e proteger os mais vulneráveis e indefesos no enfrentamento da crise.

Na “bolha” daqueles que têm formação educacional, acesso e compreensão dos meios de comunicação, a prevenção contra o Sars-COV2 parece lógica e até relativamente simples: lave as mãos, mantenha distância, use máscara. Nesse caso, inclusive, o acesso à informação é tanto que acaba incorrendo nos males do excesso informativo: pânico, stress, medo do futuro incerto. Quando nos comunicamos pelas telas, nos falta o vínculo ao humano e acabamos nos vinculando ao medo: sofrendo os desgastes do isolamento e das perdas da pandemia, ou negando o vírus, vinculando-se ainda ao medo no formato da ignorância e da incapacidade de entender a ciência e acreditar nela.

Fora da bolha, a imensa população mundial que passa por variados graus de desconhecimento: de não entender o que é um vírus ou também negar a existência ou letalidade dele, passando especialmente pela falta de condições sociais e materiais para se precaver dos perigos que a Covid-19 oferece.

Estamos em 2020 e continuamos padecendo dos males dos impérios colonizadores: o vírus, que nada tem de democrático como acreditam alguns mal-intencionados, golpeia com mais força as



PRECISAREMOS COMO NUNCA  
DOS VÍNCULOS DO COMUNICAR,  
TORNANDO COMUNS NOSSAS DORES  
E CONSTRUINDO LAÇOS EMPÁTICOS  
DE ATUAÇÃO, PARA ASSIM CONSTRUIR  
PODEROSAS REDES DE COMUNICAÇÃO

populações pobres e, particularmente, as negras e indígenas, relegadas que são ao descaso histórico e, sem dúvida, também contemporâneo.

Por isso é importante que defendamos um mundo pós-pandêmico que discuta, em todos os processos de comunicação, formas de combater a desigualdade, a colonização de força de trabalho e de mentes. E mais, como fazer isso sem aumentar muros e nos isolar em nacionalismos que apenas levam a extremos? Relembrar os fatos da história, discutir os erros e reforçar os compromissos com jornalismo são parte do caminho.

### CONSTRUÇÃO DE VÍNCULOS

No caminho para sermos uma aldeia menos desigual, precisamos apostar na nossa humanidade. O psiquiatra Boris Cyrulnik, autor do conceito de resiliência humana, aponta caminhos de comunicação no belíssimo *Autobiografia de um Espantalho*, obra que narra histórias de superação psicológica de crianças traumatizadas pelas mais distintas catástrofes. No mundo pós-pandêmico, não há dúvidas de que seremos também um exército de traumatizados, em diversos graus, e precisaremos usar as ferramentas que Cyrulnik aponta: empatia e comunicação.

Lembrando que para cada pessoa morta temos entre quatro e dez pessoas enlutadas, viveremos a realidade da dor pelas perdas de inumeráveis vidas e pela perda do futuro presumido: o mundo mudou e temos que decidir como enterrar os mortos, distribuir as vacinas, tratar dos doentes e, sem nenhuma dúvida, nos prevenirmos contra a próxima pandemia. Precisaremos como nunca dos vínculos do comunicar, tornando comuns nossas dores e construindo laços empáticos de atuação, para assim construir poderosas redes de comunicação.

### A GRANDE BATALHA

No mundo pós-tudo – pandemia, isolamento social, perdas e lutos –, ainda continuaremos travando a mais árdua das batalhas: contra a desinformação usada como arma de guerra política e econômica, que tantas vidas subtrai. Combater as notícias falsas, os robôs que inflacionam a desinformação nas redes sociais e o descrédito semeado contra a imprensa ainda serão a nossa maior batalha na comunicação.

As notícias falsas são antigas na mídia, mas, com terreno de expansão fértil na inteligência artificial das redes sociais, elas não só desinformam: elas passaram a matar. Um exemplo são as *fake news* de que caixões estavam sendo enterrados vazios em Manaus, uma das cidades mais atingidas pela pandemia no Brasil, que fragilizam ainda mais os manauaras, hoje vítimas de uma grande tragédia de saúde pública.

Quem trava esse tipo de combate não se importa com empatia, com o vincular e o tornar comum e muito menos com vidas: quer apenas jogar o pernicioso jogo do confundir para conquistar.

Não se negociam vidas numa sociedade justa. É em prol do resgate histórico, do acerto de contas com o passado e no combate às desigualdades que precisamos pensar a principal missão do comunicar: tornar a verdade dos fatos, não das opiniões, o real comum dos processos de vínculo e das informações. E, para isso, precisamos de uma comunicação forte e atenta, especialmente na figura do jornalismo cidadão e compromissado com a ética e a verdade dos fatos. ■

**HELENA JACOB** é doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), professora dos cursos de graduação e de pós-graduação *lato sensu* da Faculdade Casper Libero e professora da Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado (Fecap), nos cursos de Relações Públicas e de Publicidade e Propaganda.

**SIDARTA RIBEIRO**

esteve presente na reunião virtual do Conselho Editorial da *Revista E* no dia 20 de maio de 2020.

# É preciso SONHAR

BIÓLOGO E  
NEUROCIENTISTA  
REALÇA A IMPORTÂNCIA  
DO SONO DE QUALIDADE  
PARA A COMPREENSÃO  
DO PRESENTE E A  
CONSTRUÇÃO DO FUTURO

São muitas as preocupações com o país e o mundo neste cenário de pandemia. Estamos aprendendo outras formas de trabalhar, de estudar, de nos relacionar, de comer e até mesmo de dormir. Se antes o sono era subestimado e ocupado pelo trabalho e uso de aparelhos eletrônicos, hoje ele está ainda mais reduzido e fragmentado. Dos sonhos, então, há pouca lembrança. E, quando acontece, o conteúdo onírico revela, majoritariamente, medos e angústias. Professor-titular de Neurociências e vice-diretor do Instituto do Cérebro da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Sidarta Ribeiro pesquisa sono, sonho e memórias há duas décadas e aponta: “Talvez o grande mal-estar da civilização que a gente vem experimentando nos últimos tempos tenha a ver com o abandono da arte de sonhar”. Autor de *O Oráculo da Noite: A História e a Ciência do Sonho* (Companhia das Letras, 2019), entre outras obras, Sidarta Ribeiro comprova em estudos científicos a importância do sono de qualidade, capaz de gerar sonhos que permitam a compreensão do presente e a construção de um porvir distinto do momento atual.

## FONTE DE INSPIRAÇÃO

Talvez o grande mal-estar da civilização que a gente vem experimentando nos últimos tempos tenha a ver com o abandono da arte de sonhar. Por um lado, nunca tivemos tanta tecnologia e, por outro, estamos com a sensação de fim de percurso, como se não houvesse futuro possível. Isso é uma contradição. Como podemos ter tantos meios para mudar o mundo e ao mesmo tempo tanta desesperança? O capitalismo e a ciência estão muito bem casados há 500 anos. Nesse percurso, o sonho foi abandonado. Era totalmente natural no Império Romano, na Grécia Antiga, no Egito Antigo, na Suméria, na Babilônia, na aldeia xavante, uma liderança dizer: “Eu tive um sonho e por causa dele devemos mudar nossa atitude coletiva”. Nos últimos 500 anos, isso deixou de ser uma boa razão para mudanças. O sonho, que era tido como uma revelação potencialmente divina, passou a ser considerado um subproduto do sono, sem grande valor. E isso ocorreu apesar do fato de que os sonhos continuaram contribuindo para a criatividade, tanto para artistas, a exemplo de Salvador Dalí [*pintor espanhol, 1904-1989*], quanto para cientistas, como Dmitri Ivanovich Mendeleev [*físico e químico russo, criador da primeira tabela periódica, 1834-1907*].

## ORÁCULO DIÁRIO

Ao longo do tempo fui construindo uma teoria ampla sobre essa articulação dos níveis biológico e psicológico que tem a ver com aquilo que é relatado na experiência humana como experiências místicas, experiências dos sonhos. E o sonho, muitas vezes, como

oráculo. Pensando muito sobre isso, tentando buscar um sentido biológico disso, cheguei a essa concepção que está expressa no livro *O Oráculo da Noite* – a ideia de que os sonhos são um oráculo probabilístico. Ou seja, eles são uma simulação de um futuro possível construída com base nas probabilidades de eventos que existem na realidade e que podem chegar a acontecer. Então, não é um oráculo que determina o que vai acontecer, mas uma espécie de simulação, de tentativa de perscrutar o futuro para tentar entender o que está acontecendo.

## MOMENTOS DE CRISE

Jung [*o psiquiatra suíço Carl Gustav Jung, 1875-1961, fundador da psicologia analítica*] coletou os próprios sonhos e os sonhos dos pacientes, tanto antes da Primeira Guerra Mundial quanto da Segunda Guerra. Eram sonhos bastante premonitórios, que anunciavam o banho de sangue que viria. Hoje em dia tem muita

gente fazendo pesquisa com os sonhos na pandemia. No meu grupo, a pesquisadora Natália Mota começou um trabalho sobre os sonhos das pessoas utilizando o WhatsApp e coletando sonhos toda manhã. O que ela verificou nessa pesquisa é que as pessoas estão sonhando mais com contaminação e com doença. Estamos vivendo uma distopia. Não só a pandemia, uma coisa incrível que mobiliza todo mundo no planeta inteiro, mas ainda por cima no Brasil estamos vivendo o negacionismo em seu grau mais alto. E isso gera uma dupla paranoia, porque não é só a desproteção diante da natureza, mas também a desproteção diante de uma sociedade que está doente. O sonho do brasileiro está em xeque. O que a gente tem percebido é o aumento do desespero. É por isso que eu e tantas outras pessoas temos insistido na necessidade de a gente se reconectar com os nossos próprios sonhos e que sejam sonhos coletivos. Esse é um momento importante para que a gente possa construir um sonho que valha a pena ser vivido.

#### BOM PARA A SAÚDE

O sono é muito mais antigo que o sonho. Boa parte dos problemas de saúde nas grandes metrópoles tem a ver com o sono de baixa qualidade. É fator de risco para diabetes, obesidade, doenças cardiovasculares e, no limite, Mal de Alzheimer. O sono é um momento de restauração fisiológica do corpo inteiro, não só do cérebro. É também o momento em que as memórias são processadas. Boa parte do que o sono faz é jogar fora algumas memórias. Por outro lado, algumas coisas precisam ser lembradas e o sono faz essa triagem. Precisamos também de criatividade, de ideias novas e esse é o papel do sono. As pessoas dormem muito mal, e agora, na pandemia, diria que isso se exacerbou. Outras pessoas estão conseguindo mais sono, mais sonho, mais introspecção. Tenho defendido que a gente preste atenção no sono e o preserve. O sono não é um espaço para ser ocupado pelo trabalho.

#### DE CADA UM

Numa noite normal, que seria de sete ou oito horas de sono, as primeiras quatro horas vão ser quase exclusivamente de um sono de ondas lentas, e as outras quatro horas de um sono REM [em português, Movimento Rápido dos Olhos, *fase do sono profundo, na qual ocorrem os sonhos mais vívidos*]. Se você dorme quatro horas, você está abrindo mão de metade da noite, e isso acontece muito com as pessoas que esperam o sono vir enquanto usam algum aparelho eletrônico, alguma tela. O fato de haver uma estimulação visual constante vai impedir que a pessoa durma por duas razões: a estimulação frequente com novidade faz com que o cérebro inteiro libere mais

noradrenalina e não queira dormir. Além disso, essa luz de comprimento azul vai inibir a produção de melatonina, que é o hormônio necessário para que o cérebro saiba a que horas ele quer dormir. Se a gente quiser ter uma vida saudável, não é tão complicado assim. Os gregos já tinham entendido isso: sono bom, alimentação boa, exercício físico regular e de qualidade, e relações não tóxicas.

ESSE É UM  
MOMENTO  
IMPORTANTE  
PARA QUE A  
GENTE POSSA  
CONSTRUIR UM  
SONHO QUE  
VALHA A PENA  
SER VIVIDO

#### SABEDORIA E TECNOLOGIA

Em diferentes grupos indígenas é comum que as pessoas tenham os mesmos sonhos. Entre os Guajira, por exemplo, que vivem entre a Colômbia e a Venezuela, às vezes 20, 30 pessoas têm o mesmo sonho. E, no Ocidente, no mundo industrializado, isso é visto como algo muito estranho. Mas isso está ocorrendo agora na pandemia. Pessoas estão tendo sonhos semelhantes porque estamos numa situação semelhante. Tenho defendido que, para a gente sair dessa situação bem, vamos precisar fazer uma síntese daquilo que seria a tese do onírico, que vem do passado neolítico, do xamanismo, por exemplo, com a ciência e a tecnologia. Se conseguirmos juntar todo esse conhecimento com sabedoria, talvez a gente encontre os caminhos para um futuro melhor. ■



Ouçá o podcast  
deste *Encontro*.

# LANÇAMENTO SELO SESC

A PARTIR DE 10/7 COM EXCLUSIVIDADE NA PLATAFORMA **Sesc** digital

**NANA**  
Se todos fossem iguais a você  
Por toda a minha vida  
O Amor deu-me  
Modinha  
Se Você *canto* De repente, ues mais me de repente

**TOM**  
Tom Jobim  
Touzinhos ferido  
Nai!  
Nai pode mais meu coração  
Violas

**VINICIUS**  
Vinicius e Levy  
Vai, triste canção  
Sai do meu peito e semeia a emoção  
Minha bem-ameda  
Quero fazer de um juramento uma  
Querida Vira do meu coração  
Serenata do Adeus  
Será que tudo o que há em mim  
[só quer sentir saudade...]

NAS PLATAFORMAS DE  
STREAMING A PARTIR DE 15/7



selo  
**Sesc**

Visite a loja virtual e  
conheça o catálogo completo  
[sescsp.org.br/loja](http://sescsp.org.br/loja)





Adriana Vichi

# Somos interdependentes

CURADORA DE ARTE E  
FUNDADORA DA ART FOR THE  
WORLD DEFENDE A PROPAGAÇÃO  
DE UMA CONSCIÊNCIA GLOBAL  
PARA A SAÚDE DO PLANETA

Tudo está relacionado. O que comemos, qual o destino dado a resíduos orgânicos e recicláveis, de que forma transitamos, entre outras ações humanas, tudo isso gera impacto na sociedade, mas também, e principalmente, em águas, solos, ar e diversas formas de vida deste planeta. Recentemente, um dos principais escritores de ciência do mundo, David Quammen, salientou essa relação ao dizer que “uma das coisas que a Covid-19 nos lembra é que nós, humanos, somos parte da natureza”. Ele ainda reiterou que “não estamos separados dela, nem acima dela”. Quem faz o mesmo lembrete é a curadora de arte Adelina von Fürstenberg. Nascida em Istambul, ela segue uma carreira itinerante com a missão de instigar as pessoas a (re)ver e pensar o mundo pela arte. Em 1995, criou a Art for the World, organização não governamental associada ao Departamento de Informações Públicas das Nações Unidas e que tem o propósito de colocar a arte contemporânea a serviço de propósitos humanitários. “Para mim, o artigo mais importante da Declaração dos Direitos Humanos é o artigo 27, que diz: ‘Todos têm o direito de apreciar a arte e a ciência’”, afirmou em entrevista à *Revista E*, um dia antes do lançamento nacional do longa-metragem *Interdependence* (2019) no CineSesc (15/2). Concebido pela curadora, que também é produtora, o filme reúne 11 curtas produzidos por artistas de cinco continentes, entre eles a cineasta brasileira Daniela Thomas. Exibido pela plataforma de *streaming on demand* do SescTV, *Interdependence* alerta para a necessidade urgente de analisarmos a influência das ações humanas sobre o atual desequilíbrio do meio ambiente. Afinal, reforçou Adelina, “somos todos um, interdependentes, na Terra”.

## UNIR PESSOAS

Não devemos ser pretensiosos, a arte não pode mudar o mundo. Ela só pode conscientizar, chamar a atenção para os problemas. E isso já é muito importante. Então é claro que, no caso do tema meio ambiente, os cientistas sabem muito mais do que os artistas, mas é difícil entender o que eles dizem. Mas, por meio da arte e do cinema, você pode tocar o coração das pessoas e explicar questões complicadas com uma história simples. Você verá, nesses filmes [*que compõem o longa Interdependence*], que aquilo que vemos é o que sentimos em toda parte. Então, mesmo que geograficamente a Índia esteja longe do Brasil ou da Islândia, as preocupações de todos são as mesmas. A arte é universal e o que ela pode fazer é unir as pessoas. Uma mesma ideia pode viajar sem fronteiras, pois está mais relacionada ao coração.

## PARTICIPAÇÃO BRASILEIRA

Daniela Thomas é uma cineasta muito próxima da arte. Faz cenografia, cria obras. Todos os cineastas [*do filme Interdependence e de outros filmes da Art for the World*] não são só cineastas. Todos têm alguma relação com a arte, mesmo quando não desenham ou não fazem nada do tipo. Então ela [*Daniela Thomas*] é esse tipo de cineasta. Era muito importante trabalhar no Brasil e ter uma ótima cineasta como ela. Neste filme [*o curta-metragem de Daniela Thomas*], veremos que o povo indígena não é apenas o assunto. Por exemplo, temos índios da Amazônia, mas também do Pacífico Sul, temos as pescadoras de uma pequena tribo na África. Essas pessoas são a nossa consciência, porque estão preservando a natureza há séculos, porque têm uma sabedoria e é isso que importa. Assim, o filme de Daniela com a tribo Thã Ingugu, da Amazônia, é importante porque eles falam de água e de como a água criou a vida saudável que eles levam. O que eles dizem toca diretamente o público. Ao ver o filme [*como um todo*], você percebe que não pode ficar sozinho para proteger sua família de catástrofes

da natureza. Precisamos ficar juntos. O relacionamento entre as pessoas em meio a essas mudanças é muito importante. E, quando você se der conta do que está acontecendo, faça alguma coisa. Não jogue lixo no chão, não deixe a torneira aberta o tempo todo. São essas pequenas ações que juntas fazem algo ainda maior.

#### MINHA ESCOLA

Quando eu estava estudando ciências políticas, um amigo ia para a Alemanha visitar uma exposição que acontece por lá a cada cinco anos, chamada *Documenta* [uma das maiores mostras de arte contemporânea do mundo, acontece na cidade de Kassel].

Era a Documenta de 1972, de Harald Szeemann (1933-2005), um curador muito importante.

Aquela exposição foi tão forte que ainda hoje eu conseguiria descrever certas salas. Fiquei tão mexida com aquilo que falei: “Eu preciso trabalhar com arte”. Eu não sabia nada, então, minha primeira exposição foi com artistas conceituais e pensei: “Gosto de arte, mas não entendo o que é essa arte conceitual”.

Assim, a única maneira de entender era trabalhar com os artistas, porque meu gosto pessoal era diferente, mas nunca o coloquei à frente. Sempre o deixava para trás e tentava aprender. Para mim, a arte foi, por toda a minha vida, e é um exercício de aprendizado.

Prefiro aprender por meio da arte do que ir para uma universidade e estudar ciências. Então, para mim, a arte é uma escola. Nada mais do que isso. Cada exposição que faço é diferente porque, cada vez que faço alguma coisa, eu aprendo. Com esses filmes [de *Interdependence*], me aprofundi nas questões que envolvem as mudanças climáticas. Antes, não sabia nada a respeito. Tudo o que eu aprendo, eu compartilho.

A ARTE É  
UNIVERSAL E O  
QUE ELA PODE  
FAZER É UNIR  
AS PESSOAS



Lac, de Mahamat-Saleh Haroun (Chade)



Hungry Seagull, de Leon Wang (China)

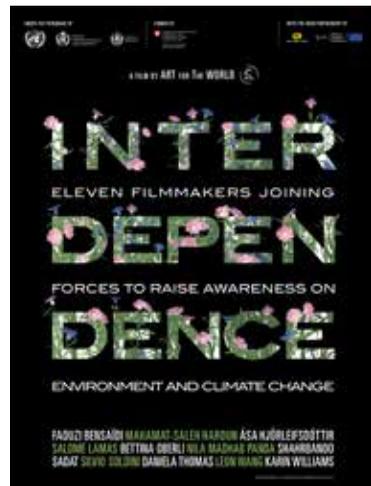


Tuã Inguçu, de Daniela Thomas (Brasil)

Cenas do filme *Interdependence* (2019). Cineastas de 11 países, de todos os continentes, refletem sobre as relações entre a sociedade humana e o ambiente natural, agravadas pelas mudanças climáticas.



Olmo, de Silvio Soldini (Itália)



Direção

## ARTE PARA O MUNDO

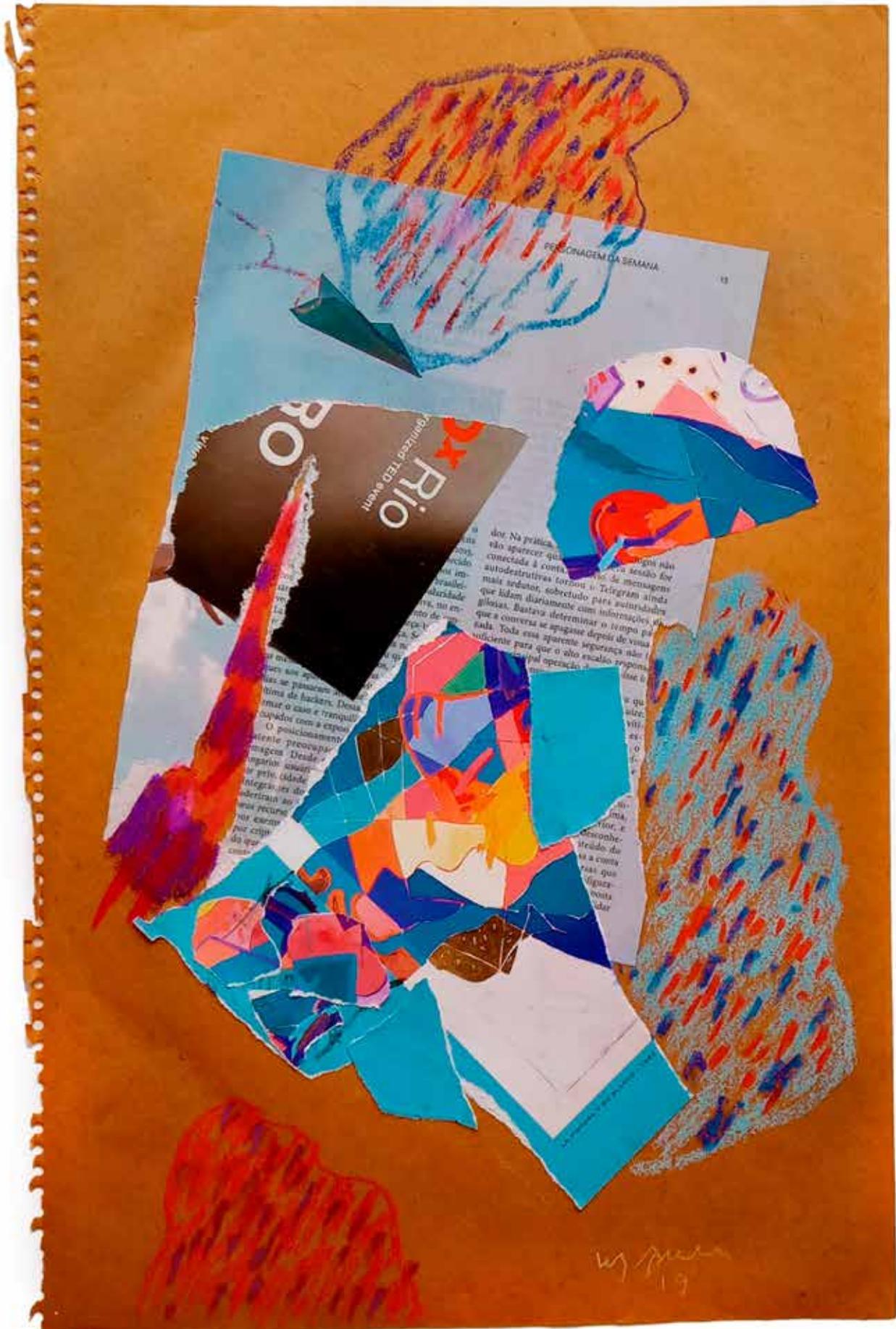
Minha vida pode ser dividida em dois períodos. Um é o período de arte contemporânea tradicional, no qual fui diretora de um centro de artes, de um museu, trabalhando para promover artistas. Não no sentido comercial, mas promover o trabalho deles e torná-lo acessível ao público em geral. O segundo é a Art for the World. O nome já diz: arte para o mundo. Isso significa que tudo o que fazemos oferecemos ao mundo. Nesse caso, não estamos promovendo artistas, estamos promovendo conceitos que tocam as pessoas. Conceitos e questões problemáticas por meio da arte. Dependendo do projeto, às vezes minha organização cria, faz curadoria de artes visuais, instalações etc. E, às vezes, faz cinema. De tempos em tempos, produzimos filmes, porque durante as exposições também produzimos vídeos, e do vídeo para o filme a distância é muito curta. Naturalmente, o cinema tem um público ainda maior. Mas com a arte também se pode alcançar as pessoas, e elas podem pensar, apreciar e até se curar, pois, para mim, a arte também é uma espécie de cura para a alma. Além disso, a arte e a cultura não são caras. Todos podem apreciá-las. Não é necessário comprar ou possuir uma obra para gostar de arte. ■

Assista ao filme *Interdependence*

<https://sesctv.org.br/programas-e-series/interdependence/>



Assista à entrevista com  
Adelina von Fürstenberg  
para o **conexão**



CURTOPOEMA/ALCOGEL/003

sob as sombras do edifício  
gente muda em máscaras de papel  
boiam napoleões de hospício  
em brancas piscinas de alcogel

CURTOPOEMA/004

se paranoia matasse  
se o vírus fosse da china  
se o povo não panelasse  
me suicidaria dormindo  
com pico de cloroquina

CURTOPOEMA 022

seja aqui  
nos estates  
ou na china  
seja vigarista  
seja fake  
ou terraplanista  
seria a cloroquina  
o gás sarim  
desta nova corja  
nazista?

CURTOPOEMA 012

a culpa do vírus  
é dos cientistas, do Papa  
dos chineses, dos artistas,  
dos mestres, dos comunistas,  
da ONU, dos jornalistas...  
mas a culpa é mesmo  
dos culpistas

cov a  
cov il  
cov arde  
cov eiro  
cov id

ainda  
com vida?

para falar  
com máscara:  
perseverar  
percevejar  
percerverjar  
perversejar

CRACHÁ / DA SÉRIE INVISÍVEIS

está escrito no crachá  
do hospital miguel couto  
maria dos anjos souto  
de avental branco e grená  
faxineira de ambulatório  
pinça, gaze, esparadrapos,  
agulhas, gesso, supositórios  
da morte maior que a vida  
cura o piso dos mictórios  
só não cura a própria ferida:  
sua avó com infecção  
a necrose de seu marido  
sua filha mal do pulmão  
seu filho recém-nascido  
é mais um ser desnutrido  
dormindo entre farrapos  
à beira de um precipício  
como será que consegue  
antes que o bicho pegue  
varrer o próprio suplício?

◀ LUIZ AQUILA.  
*Desenho Escrito Rio, 2019.*

**XICO CHAVES** é poeta, compositor e artista visual. Na publicação *Xico Chaves* (Fase 10, 2012), o artista reuniu suas principais obras ao longo de 40 anos de carreira.



LUIZ AQUILA. *Pastel e Algumas Circunferências*, 2019.



LUIZ AQUILA. *Fotografia da Caneca Quebrada (detalhe)*, 2020.

Por cem anos permanecemos mudos.  
Por cem anos deixamos guerras acontecerem  
o dinheiro conduzir nossas vidas  
os valores mudarem de mãos  
e suportamos os homens se digladiarem pelo poder.  
Deixamos erguerem um muro  
que tivemos de derrubar.  
Deixamos derrubarem torres  
que um dia estavam lá.  
Hoje os homens se calam  
mais uma vez diante da morte.  
Mais uma vez nos perguntamos quem somos  
como em todos os momentos de dúvida.  
Descobrimos que ainda somos humanos  
apesar de conduzidos entre bolsas de valores  
e muros invisíveis.  
E descobrimos que temos voz.

Que a sobrevivência pode ser mais cara  
que a doença. Sempre é.  
E por que não pagáramos esse preço?  
Há homens que ainda pensam no lucro  
nas horas de desastre  
mesmo que não levem um centavo consigo.  
A glória é terrena.  
Não adiemos a felicidade.  
Só teremos depois o que fomos capazes  
de criar aqui.  
A felicidade é a única coisa que se leva.

**THEREZA CHRISTINA ROCQUE DA MOTTA** é poeta,  
editora e tradutora. Autora de *Lições de Sábado 2* (2018),  
entre outras obras publicadas pela editora Ibis Libris,  
a qual fundou em 2000.



long of work too

SILÊNCIO

O silêncio é fugaz  
e parte ruidosamente

APERTO DE MÃO

A mão que nunca esteve aberta  
me aperta

NOVO

Sinto-me novo neste poema  
rompo a casca  
bato a clara e como a gema

NOVO II

De novo neste tema  
rompo a casca e claro!  
diante do novo... gemo

NOVO III

Temo romper a casca  
ter de sair do ovo  
que estorvo!

ALMA III

Trauma!  
drama!  
nem compelida  
minha alma  
se banha  
alma fedida!

DECADÊNCIA III

Decadência e progresso se opõem  
assertiva que aceito  
já a minha decadência  
transgride o conceito e avança  
vive em constante movimento  
progride!

CIRCO DE CALDER

O malabarista  
neste certame  
desenha no ar  
palavras de arame

CIRCO DE CALDER II

Lá no alto  
o trapezista  
tropeça  
mas não cai  
na plateia Calder

METAMORFOSE

Terá a taturana  
quando se encasula  
noção da sua aventura?

E a borboleta  
recordará  
sua antiga clausura?

RATO E REI

O rato e o rei  
arruinaram o reino  
feita a faxina  
para o rato a ratoeira  
para o rei a guilhotina

RATO E REINO

Por fome ou por dinheiro  
o rato roeu o reino inteiro

O AMOR NOS TEMPOS  
DO CORONAVÍRUS

Você me ama como antes?  
Perguntei pra testar a sua confiança.  
Amo sim mas com você tossindo  
Favor manter distância.

Românticos, nos ferramos.  
O amor foi pro bebeléu.  
Carícia virou sinônimo  
De álcool gel.

Perdeu, mano.  
Perdeu, playboy.  
Não sobra nem para o ladrão  
Nem para a polícia.  
Quem manda é a Corona Milícia.

Se correr, pombinho,  
Ebola, dengue, sarampo, zika,  
Te pega.  
Se ficar, o bicho corona  
Te come.

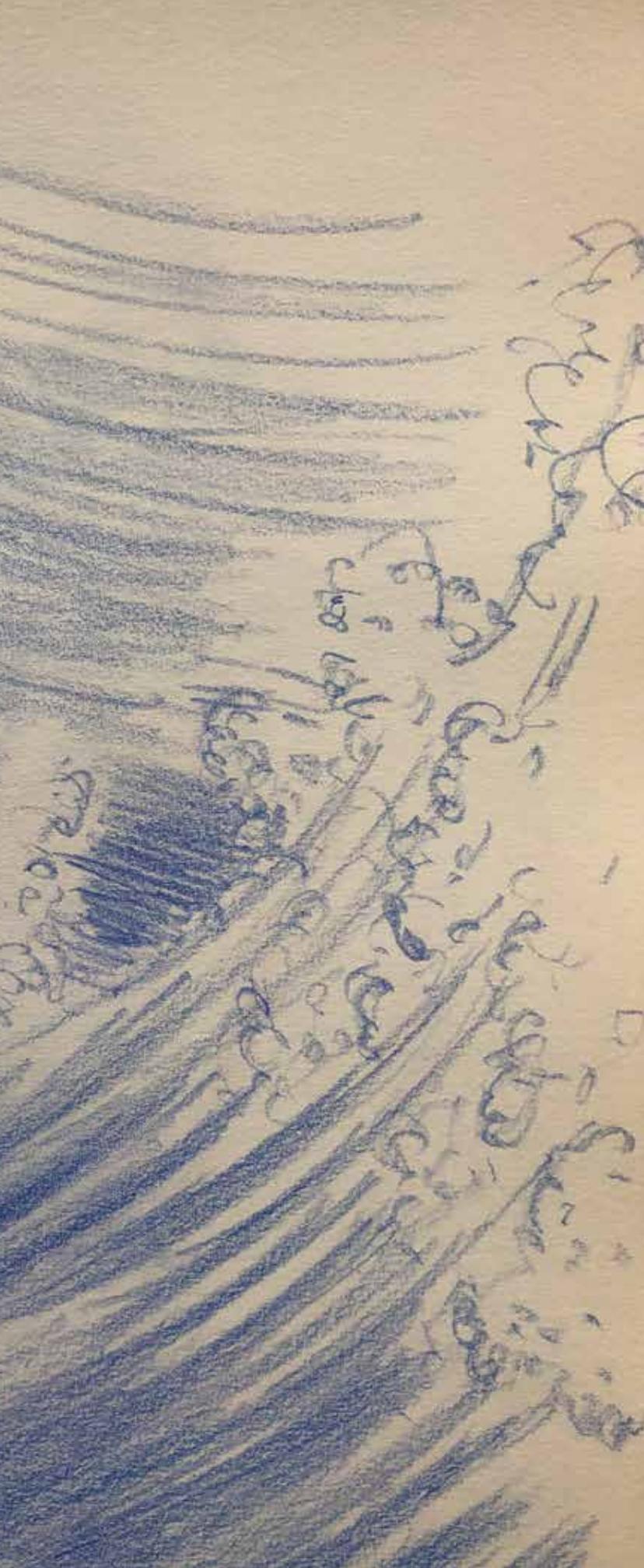
Enfim, sós,  
Eu, você e o corona.  
Tenha dó.

Amor meu,  
No meu corona  
Ou no teu?

Nosso amor já foi virtual,  
Quando ia virar real,  
Chegou o corona.  
Snif, snif, voltou o amor  
A viver só no computador.

**ULISSES TAVARES** é poeta,  
escritor, dramaturgo, roteirista e compositor.  
Autor de *Pega Gente* (1977), *Viva a Poesia Viva*  
(Saraiva Juvenil, 2009), entre outras obras.





◀ MARCOS DUPRAT.  
Da série *Desenhos da Quarentena*, 2020.

## EXÍLIO

Quem sou eu  
na dimensão do fato:  
boca de alcaguete  
telegrama  
ou ipso-facto?  
Mera expressão  
de espalhafato  
sou o tiro  
que não saiu  
nem pela culatra!

## DEDO EM RISTE

Este poema não diz nada  
da mesma forma  
que a história não diz tudo.  
Língua cortada:  
este poema não fala  
– falha.  
E insiste  
– dedo em riste.

**RUBENS JARDIM** é poeta e jornalista.  
Autor de *Cantares da Paixão* (Artepaubrasil, 2008),  
*Lindolf Bell – 50 Anos de Catequese Poética*  
(Patuá, 2014), entre outras obras.

MARCOS DUPRAT. ►  
Da série *Desenhos da Quarentena*, 2020.

## NÃO, NÃO QUERO MAIS

O peito salta do alto num sopro de vento  
e a queda é leve  
como se voar fosse o último desejo  
como se morrer fosse apenas concordar  
com a ideia de que se está morrendo  
após 40 dias nesse deserto.

Nada bloqueia essa taquicardia  
esse zumbido de elefante asmático  
essa falta de oceano.  
Perambulam tontas todas as manhãs e tardes  
as minhas retinas viciadas  
no mesmo céu nos idênticos edifícios no mesmo trem.  
Já conheço suas labaredas elétricas que calcam o  
passado e deslizam no delírio atrás  
de marias-fumaças.  
Já conto todas as tábuas e restos e chapas  
dos casebres aos meus pés.  
Já acredito que ouço os tambores do terreiro  
em frente à favela todas as madrugadas.  
Já não sonho, deliro.

Sem saída  
aperto mais e mais os seios contra a parede minúscula  
do quarto minúsculo  
da sala que não existe  
da varanda onde meu corpo não cabe  
meu coração não cabe  
minha cabeça não ventila  
e meu peito não respira

ah  
essa falta de ar...

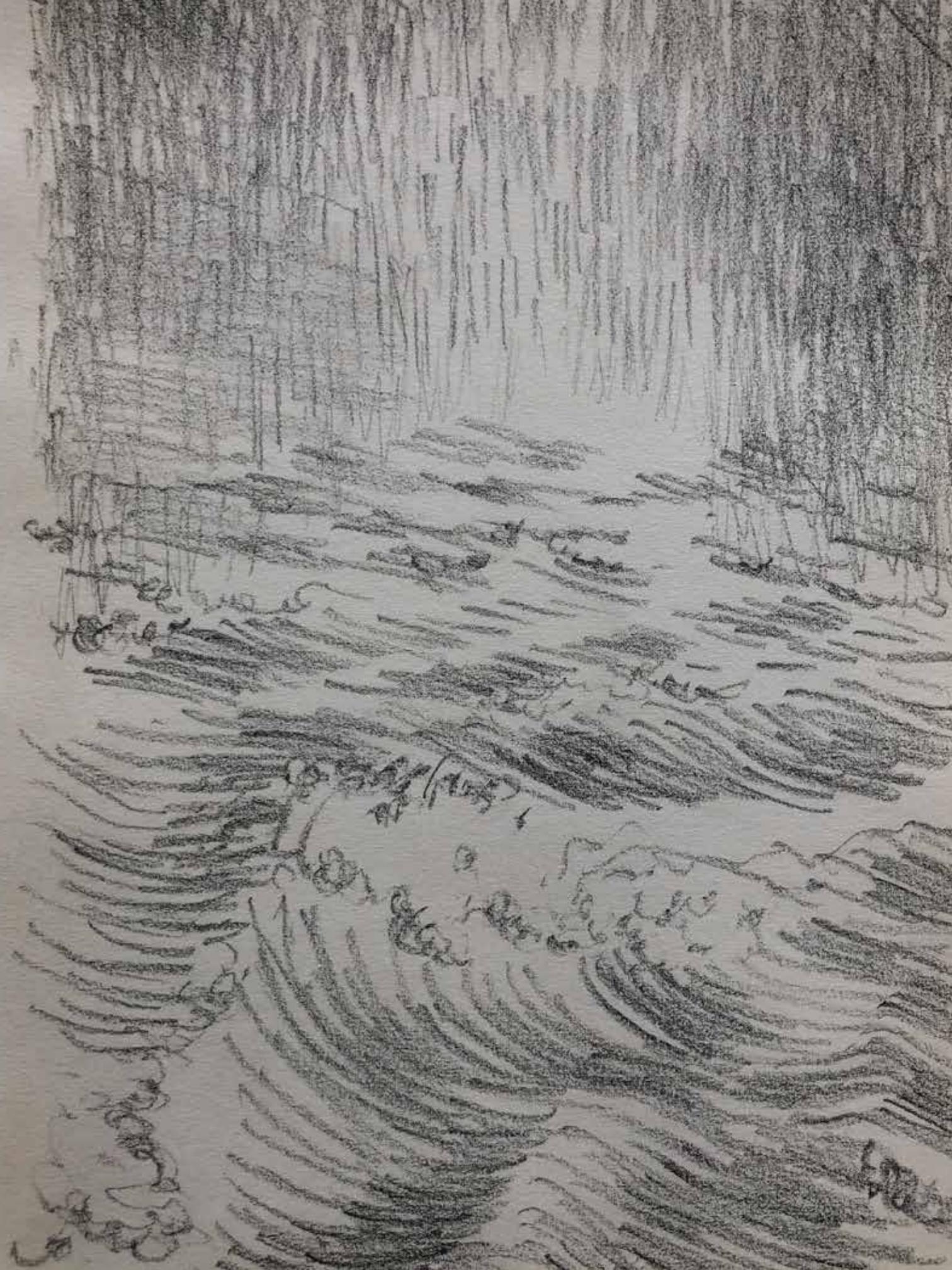
Não quero mais ser forte  
lavar as mãos sofregamente  
amparar os desvalidos  
esperar esperar esperar rezar meditar consolar  
arder de febre por falta de abraço

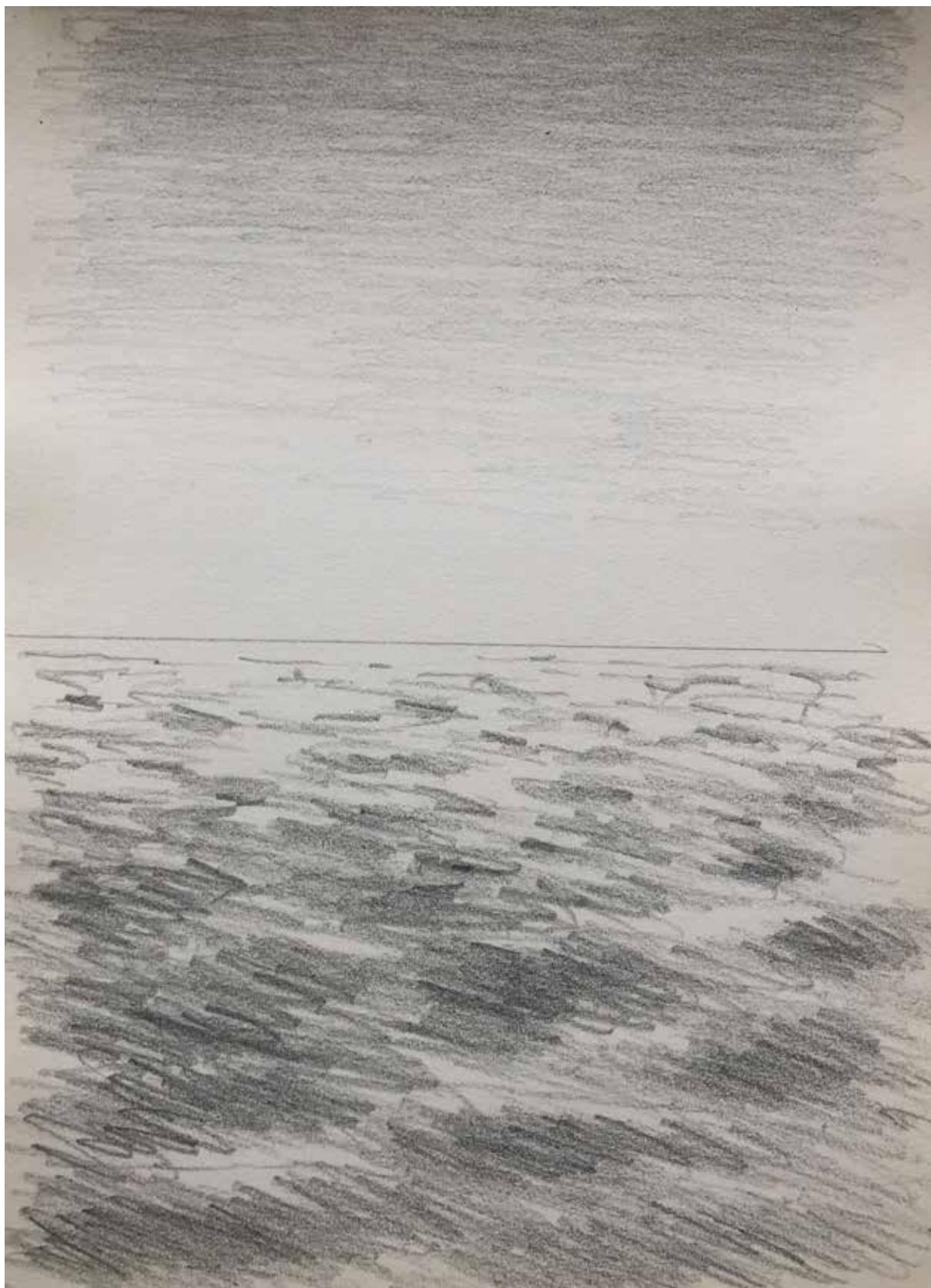
nem acreditar em uma outra humanidade, um novo  
Humano após esse dilúvio seco, sorrateiro e voraz.  
Não, não quero mais.

## MELHOR UM POUCO

Um antidepressivo  
que insisto em não tomar,  
uns meio exercícios de yoga  
muito mal feitos,  
um poema que ameniza engulhos  
e soro fisiológico para enganar a rinite.  
Meditação imposta pelo amigo  
e o aperto no peito que dribla  
uma claustrofobia de ar.  
E esquecer que a peregrinação  
no deserto custou 40 dias  
de negação de tudo, ou seja,  
não lembrar do vento, do mar,  
do verde que dilata as narinas da cidade aqui ao lado.  
Me sinto melhor.

**BETH BRAIT ALVIM** é poeta,  
contista e ensaísta. Autora de *A Febre e a Mariposa* (Patuá, 2018), *A Noite e o Meio* (Córrego, 2019), entre outras obras.





MARCOS DUPRAT. Da série *Desenhos da Quarentena*, 2020.

# LOCKDOWN OU KNOCKDOWN

EPICURO X ABELARDO, RILKE, COVID-19 AND I

O Jardim criou 4 remédios:

*Não se deve temer os deuses; objetos falam sozinhos > cavalo alado na tela do smartphone > print dos meus quadros > vendê-los > passagem para os ancestrais vikings > herdeiros? Machado dixit.*

Estupidamente,

desafio os deuses.

*Não se deve temer a morte; Sic et Non – exige Abelardo (a intenção é tão importante quanto o ato). ¿Erotizar Thanatos? “Quem, se eu gritasse, entre as legiões dos Anjos, me ouviria?”*

*O bem não é difícil de alcançar; mãos estendidas para o último vagão.*

*Os males não são difíceis de suportar; cada qual com seu ópio | Smith Wesson 38 |*

**ROBERTO BICELLI** é poeta e romancista. Autor de *Antes Que Eu Me Esqueça*, livro de 1977 reeditado pela Córrego e lançado em 2017, entre outras obras.



**COMO COMPRAR INGRESSOS PARA AS ATIVIDADES DO SESC?**

**Para os espetáculos que ocorrem nas unidades\* do Sesc no Interior,** consulte as informações sobre a venda de ingressos na descrição do espetáculo de interesse, no Portal Sesc SP.

**Para os espetáculos que ocorrem nas unidades\* da capital, Grande São Paulo e litoral,** os ingressos ficam disponíveis para venda semanalmente, sempre em dois lotes:

**No Portal Sesc SP:** às terças-feiras, a partir das 12h, em diferentes horários.

**Presencial:** às quartas-feiras\*\*, a partir das 17h30, nas bilheterias das unidades do Sesc.

Serão disponibilizados os ingressos para atividades que acontecem na semana seguinte, compreendida entre segunda-feira e domingo. Para temporadas de espetáculos, serão consideradas as datas de estreia para início das vendas de toda a temporada.

\* Apenas uma porcentagem dos ingressos será destinada à venda online.  
\*\* Em caso de feriado, as vendas terão início no dia útil posterior.

Consulte a limitação de venda de ingressos por pessoa/CPF na descrição do espetáculo de interesse, no **Portal Sesc SP**.

operadora ou banco emissor e da data de fechamento/vencimento da fatura do cartão de crédito. Não haverá devolução em dinheiro.

O ingresso comprado nas bilheterias das unidades do Sesc SP não será devolvido ou trocado para outro horário, dia ou espetáculo.

**CANCELAMENTO DO ESPETÁCULO PELO SESC SÃO PAULO**

Em caso de cancelamento do espetáculo por parte do Sesc São Paulo, os valores dos ingressos adquiridos, tanto no **Portal Sesc SP** quanto nas bilheterias das unidades, serão devolvidos integralmente.

O valor do ingresso online, não retirado nas bilheterias, será estornado no cartão de crédito utilizado na compra. A solicitação desse estorno será feita automaticamente pelo Sesc às operadoras de cartão de crédito/banco emissor. O crédito do valor estornado poderá ocorrer na fatura seguinte ou subsequente, pois dependerá dos procedimentos de cada operadora ou banco emissor e da data de fechamento/vencimento da fatura do cartão de crédito.

O valor dos ingressos comprados nas bilheterias e dos ingressos comprados online e já retirados serão devolvidos em dinheiro. Para tanto, apresente o ingresso em até 30 dias, a contar da data de divulgação do cancelamento do espetáculo, em qualquer bilheteria das unidades do Sesc SP.

**CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA**

Consulte sempre a classificação indicativa das atividades em seu descritivo no **Portal Sesc SP**. Nas apresentações proibidas para menores de 18 anos, não será permitida a entrada de menores de 18 anos, mesmo que acompanhado de pais ou responsáveis.

**IMPORTANTE**

- O Sesc não opera com reserva de ingressos.
- Excepcionalmente, a venda e distribuição de ingressos para determinados espetáculos poderá iniciar em dias e horários diferentes do estabelecido. Nesses casos, estas informações estarão sempre antecipadas na área de programação dos espetáculos.
- Não é permitida a entrada após o início do espetáculo, não havendo devolução do valor pago ou troca para outro dia, horário ou espetáculo.
- Fotos, filmagens ou gravações serão permitidas somente com autorização prévia.
- Lembre-se de desligar aparelhos sonoros, tais como telefones celulares, tablets e outros.
- Cuide bem do seu ingresso. Em caso de perda ou dano não haverá reimpressão. Em caso de roubo, será necessário apresentar Boletim de Ocorrência em que constem as informações sobre o ingresso.
- Pessoas com deficiência, idosos com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos, gestantes, lactantes, pessoas com crianças de colo e pessoas com necessidades especiais terão atendimento prioritário para compra presencial de ingressos, respeitando a limitação de venda de cada espetáculo.
- É permitida a entrada de cães-guia.

**FORMAS DE PAGAMENTO**

**VENDAS ONLINE**

- **Loja Sesc:** cartão de crédito (à vista e/ou parcelado em até 8x sem juros\*) ou boleto bancário (à vista).
- **Ingressos:** cartão crédito (à vista).
- **Seminários e Congressos:** cartão de crédito (à vista e/ou parcelado em até 8x sem juros\*) ou boleto bancário (à vista).
- **Cursos de Longa Duração:** Centro de Pesquisa e Formação: cartão de crédito (à vista e/ou parcelado em até 10x sem juros\*) ou boleto bancário em até 10 parcelas\*\*\*
- **Reservas Bertiooga:** cartão de crédito (à vista e/ou parcelado em até 8x sem juros\*) ou boleto bancário (em até 4 parcelas\*\*).

**PONTOS DE VENDA PRESENCIAL**

- **Alimentação:** dinheiro, cartão de débito, cartão de crédito (à vista) e Voucher Refeição.
- **Estacionamento:** dinheiro, cartão de débito, cartão de crédito (à vista).
- **Ingressos:** dinheiro, cartão de débito, cartão de crédito (à vista) e Voucher Cultura.
- **Ingresso Um Dia no Sesc Bertiooga:** dinheiro, cartão de débito, cartão de crédito (à vista).
- **Loja Sesc:** dinheiro, cartão de débito, cartão de crédito (à vista e parcelado em até 8x sem juros\*). Para livros, revistas, cd's e dvd's: Voucher Cultura.
- **Reservas Bertiooga:** dinheiro, cartão de débito, cartão de crédito (à vista e/ou parcelado em até 8x sem juros\*). Consulte informações referentes à nota promissória\*\*.
- **Serviços Odontológicos:** dinheiro, cartão de débito, cartão de crédito (à vista e/ou parcelado em até 12x sem juros\*). Consulte informações referentes à nota promissória\*\*\*.
- **Seminários:** dinheiro, cartão de débito, cartão de crédito (à vista) e Voucher Cultura.
- **Turismo Social (excursões):** dinheiro, cartão de débito, cartão de crédito (à vista e parcelado em até 8x sem juros\*) ou boleto (à vista e/ou parcelado em até 8x sem juros\*).
- **Turismo Social (passeios):** dinheiro, cartão de débito, cartão de crédito (à vista e/ou parcelado em até 8x sem juros\*).

**BANDEIRAS DE CARTÕES DÉBITO E CRÉDITO - PONTOS DE VENDAS PRESENCIAL:**

Mastercard, Visa, Hipercard, Elo Crédito, Elo Débito, Maestro, Visa Electron, Aura e Cabal.

**BANDEIRAS VOUCHERS REFEIÇÃO E CULTURA - PONTOS DE VENDAS PRESENCIAL:**

Alelo, Sodexo, VR, Ticket.

**BANDEIRAS VENDAS ONLINE:** Mastercard, Visa, Elo Crédito e Hipercard.

**DÚVIDAS**

sescsp.org.br

\* Para o parcelamento é necessário o valor mínimo de R\$ 30.  
\*\* Boleto bancários garantidos por Nota Promissória - 4 x (à vista e 3 parcelas pagas até a prestação do serviço). Recebimento de boletos bancários nas unidades do Sesc: somente dinheiro ou cartão de débito.  
\*\*\* Boleto bancários garantidos por Nota Promissória em até 12 x (à vista e 11 parcelas). Recebimento de boletos bancários nas unidades do Sesc: somente dinheiro ou cartão de débito.

**O QUE VOCÊ PRECISA SABER SOBRE A VENDA ONLINE DOS INGRESSOS?**

Para comprar ingressos no **Portal Sesc SP** é necessário cadastrar-se no "Meu Perfil".

Após o preenchimento do formulário de cadastro, será enviada uma mensagem com o link de confirmação para ativar o cadastro. Caso não a receba na caixa de entrada do seu e-mail, verifique na caixa de spam, quarentena, promoções, lixo eletrônico ou lixeira.

A compra de ingressos no **Portal Sesc SP** permanecerá disponível até duas horas antes do início do espetáculo. Depois disso, os ingressos disponíveis poderão ser adquiridos pessoalmente nas bilheterias das unidades.

Ao comprar ingressos, o CPF do responsável pela compra estará vinculado à transação, restringindo a venda para os espetáculos em que há limitação de ingressos por pessoa.

Os lugares numerados para a venda online são distribuídos de forma aleatória, considerando sempre a oferta equilibrada entre os lugares mais próximos e afastados do palco.

Não há distribuição online de ingressos gratuitos. Os espetáculos infantis com gratuidade para crianças até 12 anos, ou aqueles que parcialmente oferecem ingressos gratuitos para categorias especiais, não estarão disponíveis para venda online.

**Importante:** leia atentamente a política de venda de ingressos.

**QUAIS SÃO AS CATEGORIAS DE INGRESSOS DO SESC?**

As categorias atendidas com desconto\* são: trabalhador do comércio, serviços e turismo credenciado no Sesc e dependentes | estudante | ID Jovem | servidor da escola pública | aposentado | pessoa com 60 anos ou mais | pessoa com deficiência e o seu acompanhante.

É imprescindível a apresentação do documento que comprove o direito ao desconto na entrada da atividade.

Caso o documento comprobatório não possua foto, será necessário apresentar também um documento oficial com foto.

Os ingressos comprados na categoria incorreta não terão devolução da diferença de valor.

Caso não seja comprovado o direito ao desconto, será necessário complementar o valor do ingresso.

\*Comprovantes aceitos para ingressos com desconto: credencial plena do Sesc válida | carteirinha de estudante, carteirinha escolar do ano ou semestre vigente, comprovante de matrícula ou de pagamento de mensalidade | comprovante ID Jovem | carteira funcional ou holerite para servidor de escola pública | comprovante de aposentadoria | documento de identidade para pessoas com mais de 60 anos.

**COMO RETIRAR O INGRESSO COMPRADO ONLINE?**

O ingresso poderá ser retirado na bilheteria de qualquer unidade do Sesc SP, mediante a apresentação do RG e o número do pedido.

Somente o titular da compra ou a pessoa indicada por ele poderá retirar o ingresso.

O titular da compra poderá indicar outra pessoa para retirar o ingresso no ato da compra, ou no cadastro "Meu Perfil >> Ingressos".

Recomendamos que a retirada do ingresso aconteça até um dia antes da realização da atividade.

Caso opte por retirá-los na unidade em que acontecerá a atividade, para sua comodidade, retire-os com até 30 minutos de antecedência. Lembramos que não é permitida a entrada após o início do espetáculo.

A retirada do ingresso online pelo responsável ou pessoa indicada confirma o interesse pela compra, impossibilitando a devolução ou troca para outro horário, dia ou espetáculo.

**COMO É CANCELADO O INGRESSO ONLINE?**

De acordo com o artigo 49 do Código de Defesa do Consumidor, você poderá se arrepender da compra do ingresso online e solicitar a devolução do valor:

- Para ingressos online comprados com antecedência, a solicitação de devolução deverá ocorrer em até 7 (sete) dias após a data da compra, desde que o espetáculo não tenha ocorrido. Exemplo: Ingresso comprado no dia 20/01 para espetáculo do dia 31/01: a devolução será até o dia 27/01, ou seja, até 7 dias após a compra.
  - Para ingressos online comprados com menos de 7 (sete) dias da data do espetáculo, a solicitação da devolução deverá ocorrer em até 48h antes do espetáculo. Exemplo: Ingresso comprado no dia 20/01 para espetáculo do dia 26/01: a devolução será até o dia 24/01, ou seja, 48 horas antes.
  - Para o ingresso online comprado no dia ou 48 horas antes do espetáculo, não haverá devolução. A solicitação de devolução do ingresso online somente será possível no prazo estabelecido e se o ingresso não tiver sido retirado. O titular da compra poderá fazer a devolução no **Portal Sesc SP**, acessando "Meu Perfil >> Ingressos".
- O valor do ingresso devolvido será estornado no cartão de crédito utilizado no ato da compra e poderá ocorrer na fatura seguinte ou subsequente, pois dependerá dos procedimentos de cada



Central de Atendimento Sesc Guarulhos

**OS EMPREGADOS COM REGISTRO EM CARTEIRA PROFISSIONAL, OS ESTAGIÁRIOS, OS TEMPORÁRIOS, OS DESEMPREGADOS HÁ ATÉ 24 MESES E AS PESSOAS QUE SE APOSENTARAM ENQUANTO TRABALHAVAM EM EMPRESAS DO RAMO DO COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO PODEM CREDENCIAR-SE NO SESC.**

**CRENCIAL PLENA**

- **títular**  
**trabalhadores do comércio de bens, serviços e turismo** - documento de identidade, CPF, carteira profissional atualizada e assinada que comprove o vínculo empregatício e foto 3x4\*.  
**estagiários do comércio de bens, serviços e turismo** - termo de compromisso ou carteira de trabalho em que conste o número do CNPJ da empresa, documento de identidade, CPF e foto 3x4\*.  
**temporários do comércio de bens, serviços e turismo** - contrato de trabalho ou holerite, carteira profissional atualizada, documento de identidade, CPF e foto 3x4\*.  
**desempregados do comércio de bens, serviços e turismo** - documento de identidade, CPF, carteira profissional com o último registro comprovando estar desempregado há até 24 meses e foto 3x4\*.  
**aposentados do comércio de bens, serviços e turismo** - documento de identidade, CPF, carteira profissional que comprove aposentadoria quando trabalhava em empresa do comércio de bens, serviços e turismo, além de comprovante do órgão de Previdência Social contendo essas informações e foto 3x4\*.  
**títular falecido** - o dependente cujo trabalhador, estagiário, temporário ou aposentado do comércio de bens, serviços e turismo é falecido, poderá requerer sua Credencial Plena. Além dos documentos citados na lista de titular e dependentes, deverão apresentar também a certidão de óbito.
- **dependentes**  
**cônjuge** - documento de identidade, CPF, certidão de casamento, ou de nascimento de filhos em comum, ou, ainda, declaração de união estável e foto 3x4\*. *Para os casos de união estável, a certidão deve mencionar os nomes do casal, os números dos documentos de identidade e assinatura de ambos.*  
**filhos, enteados, netos e tutelados (até 21 anos)** - certidão de nascimento ou documento de identidade, CPF e foto 3x4\*. *Para os netos, além desses documentos, apresentar também documento que comprove o parentesco com o titular. E para os tutelados, comprovante de tutela.*  
**filhos, enteados e netos (entre 22 e 24 anos)** - documento de identidade, CPF, foto 3x4\* e comprovante de matrícula ou pagamento recente de mensalidade em ensino superior, profissionalizante, pós-graduação (lato sensu, stricto sensu ou residência médica), preparatório para o ensino superior ou educação de jovens e adultos (EJA).  
**pais e padrastos** - documento de identidade, CPF e foto 3x4\*. *Para os padrastos e madrastras, é necessário apresentar documento que comprove união com o pai ou mãe do titular.*  
**avós** - documento de identidade, CPF, documento que comprove o parentesco com o titular e foto 3x4\*.



**A INSCRIÇÃO É GRATUITA, VÁLIDA POR ATÉ 2 ANOS EM TODO O TERRITÓRIO NACIONAL E PODERÁ SER FEITA PELO TITULAR OU DEPENDENTES MAIORES DE 18 ANOS EM QUALQUER UNIDADE DO SESC.**

**CRENCIAL ATIVIDADES**

- A emissão da Credencial Atividades é gratuita, individual e permite o acesso às atividades, desde que haja disponibilidade de vagas, sem estabelecer vínculos associativos. Menores de 18 anos devem estar acompanhados dos pais ou responsáveis legais.
- Documento de identidade, CPF e foto 3x4\*.

**\*A foto poderá ser tirada gratuitamente no ato do credenciamento. Em caso de perda ou extravio da credencial será cobrada uma taxa de R\$ 20 para a emissão da segunda via.**



**SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO - SESC**  
**Administração Regional no Estado de São Paulo**  
 Av. Álvaro Ramos, 991 - Belenzinho

**CONSELHO REGIONAL DO SESC DE SÃO PAULO**

**Presidente:** Abram Abe Szajman.  
**Diretor Regional:** Danilo Santos de Miranda

**Efetivos:**

Aguinaldo Rodrigues da Silva, Benedito Toso de Arruda, Célio Simões Cerri, Dan Guinsburg, Jair Francisco Mafra, José Carlos Oliveira, José de Sousa Lima, José Maria de Faria, Manuel Henrique Farias Ramos, Marco Antonio Melchior, Marcos Nóbrega, Milton Zamora, Paulo João de Oliveira Alonso, Paulo Roberto Gullo, Rafik Hussein Saab, Reinaldo Pedro Correa, Rosana Aparecida da Silva e Valterli Martinez.

**Suplentes:**

Aldo Minchillo, Alice Grant Marzano, Amilton Saraiva da Costa, Antonio Cozzi Júnior, Costabile Matarazzo Junior, Edgar Siqueira Veloso, Edison Severo Maltoni, Edson Akio Yamada, Laércio Aparecido Pereira Tobias, Omar Abdul Assaf, Sérgio Vanderlei da Silva, Vítor Fernandes e William Pedro Luz.

**REPRESENTANTES DO CONSELHO REGIONAL JUNTO AO CONSELHO NACIONAL**

**Efetivos:**

Abram Abe Szajman, Ivo Dall'Acqua Júnior e Rubens Torres Medrano.

**Suplentes:**

Álvaro Luiz Bruzadin Furtado, Francisco Wagner de La Torre e Vicente Amato Sobrinho.

**CONSELHO DE REDAÇÃO E PROGRAMAÇÃO**

**Diretor:** Danilo Santos de Miranda

Adriane Ribeiro, Aguinaldo Soares, Alessandra Garcia, Alexandre Vasques, Aline Savieto, Aline de Castro, Ana Carolina Gomes, Ana Flavia Miranda, Andréa Nogueira, Andreia Rufato, Andreia Dorta, Aparecido dos Santos Junior, Bruna Daniel, Carlos Daniel, Celina Tamashiro, Cibele Porzelt, Cláudia Cássia de Campos, Claudia Righetti, Cristiane D'Berardini, Dalmir Ribeiro Lima, Daniel Douek, Daniela Matsuda, Daniela Del Nero, Danilo Cava, Danny Abensur, Débora Ramos Ribeiro, Denise Kieling, Diego da Silva Oliveira, Dih Lemos, Edmar Júnior, Érica Georgino, Estevão Denis, Everaldo Santos, Fabia Lopez dos Santos, Fabio Vasconcelos, Fernanda Fava, Fernanda Gonçalves, Fernando Tuacek, Flávia Franco, Flávia Fávori, Flávio Cardamone, Gabriel Madureira, Geraldo Ramos Júnior, Ivan da Hora, João Vicentini, Juliana Braga, Juliana Gardim, Juliana Neves dos Santos, Karla Priscila, Karen Pimentel, Katia Patusso, Kelly Adriano, Laise Guedes, Laudo Júnior, Lidi Lyu, Luciano Domingos, Luciano Teixeira de Souza, Lúcio Erico, Maria Denise Ferreira Leite, Maria Odete Salles, Mariana Fernandes, Mariana Ruocco, Marina Reis, Mario Matos, Marta Colabone, Midia Silva, Moacyr Turuzawa, Milva Luz, Poliana M. Queiroz, Rafael Marino, Rafael Peixoto, Rani Bacil Fuzetto, Rejane Pereira da Silva, Renata Barros da Silva, Renata Figueiro, Renato Pereira, Ricardo Carrero, Rodrigo Contel Zaguetto, Sandra Karaoglan, Silvio Basilio, Silvio Luiz, Simone Avancini Silva, Solange Alboreada, Tayna Oliveira, Tiago Marchesano, Thais Kruse, Tommy Ferrari Della Pietra, Viviane Lourenço, Wendell de Lima Vieira, Willian Yamamoto e Zeno Prazeres

**REVISTA E**

**Coordenação Geral:** Ivan Paulo Giannini

- Diretor Responsável:** Miguel de Almeida. • **Diretor de Arte:** Werner Schulz
- **Edição de Textos (Revista E):** Ana Paula Cardoso e Maria Julia Lledo
  - **Edição de Fotografia:** Adriana Vichi • **Repórteres:** Márcia Scapatício e Maria Julia Lledo
  - **Edição do Em Cartaz:** Paula Wulf, Alex Olobardi, Rebeca Fornazzari e André Olobardi
  - **Revisão:** Luciana Batista de Azevedo • **Coordenação Executiva:** Marcos Ribeiro de Carvalho e Fernando Fialho • **Coordenação Editorial Revista E:** Adriana Reis e Marina Pereira
  - **Coordenação Editorial Em Cartaz:** Aline Ribenboim
  - **Propaganda:** Daniel Tonus, José Gonçalves Júnior e Renato Perez de Castro
  - **Arte de Anúncios (Revista E e Em Cartaz):** Alexandre Calderero e José Gonçalves Júnior
  - **Supervisão Gráfica:** Hélcio Magalhães • **Finalização:** Lourdes Teixeira e Werner Schulz
  - **Criação Digital Revista E:** Ana Paula Fraay • **Circulação e Distribuição:** Jair Moreira

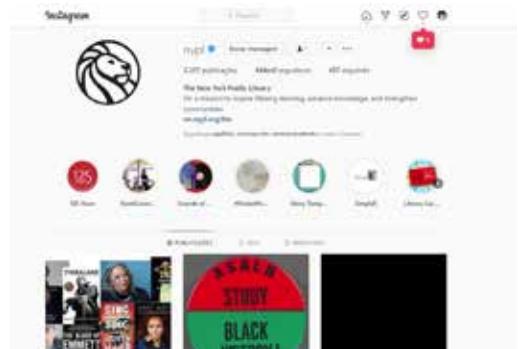
**Jornalista Responsável:** Miguel de Almeida MTB 14122. **A Revista E** é uma publicação do **Sesc São Paulo** sob coordenação da **Superintendência de Comunicação Social** e realizada pela **Lazuli Editora**. Distribuição gratuita. Nenhuma pessoa está autorizada a vender anúncios.

Esta publicação está disponível no site:  
[sescsp.org.br](http://sescsp.org.br)

Imagens: Reprodução



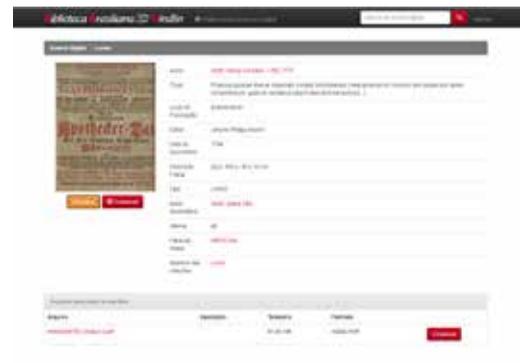
[www.dominiopublico.gov.br/](http://www.dominiopublico.gov.br/)



[www.instagram.com/nypl/](http://www.instagram.com/nypl/)



[www.wdl.org/pt/](http://www.wdl.org/pt/)



<https://digital.bbm.usp.br/>

# Livros digitais

Para a leitura embarcamos para lugares diferentes ou inventados, como no romance *As Cidades Invisíveis* (Companhia das Letras, 1990), de Ítalo Calvino. Espaços onde conhecemos novas culturas e personagens. Para isso, o acesso gratuito a publicações pelo meio digital possibilitou uma forma de viajar sem sair de casa. São muitas as opções de obras em língua portuguesa, inglesa e outros idiomas em sites de bibliotecas, aplicativos ou redes sociais. Neste momento, muitas editoras também disponibilizaram gratuitamente para download diversos títulos e coleções. Outras oferecem pacotes de acesso por um determinado período. Há também o caso de autores e autoras que promovem discussões e leituras em seus perfis no Facebook, Instagram ou YouTube. Romances, poesias, crônicas, biografias, quadrinhos e outros gêneros literários atendem a um público de idade e gosto diversificados. E você? Já escolheu o próximo enredo? Conheça algumas iniciativas:

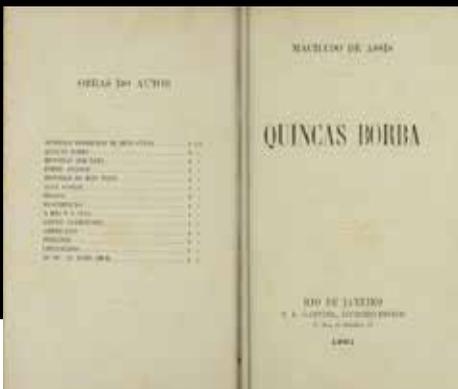
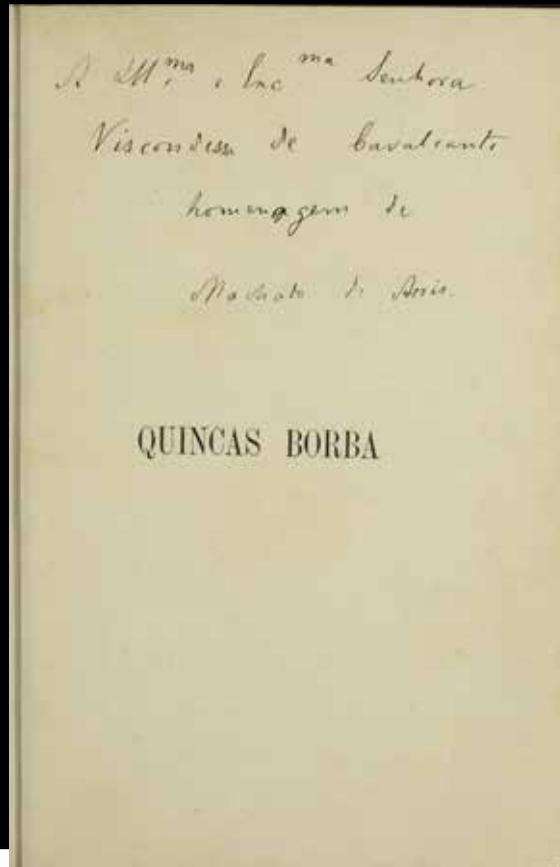
## DOMÍNIO PÚBLICO

Lançado em 2004, este portal coloca à disposição dos internautas uma biblioteca virtual que busca ser referência para professores, alunos e pesquisadores, mas também para o público em geral. Nele é possível acessar obras literárias, artísticas e científicas. Conteúdos que já pertencem ao domínio público ou que tenham divulgação autorizada. Obras de grandes autores brasileiros, como Machado de Assis, e estrangeiros, caso de Fernando Pessoa, além de mestres da literatura de cordel e outros gêneros.

Acesse: [www.dominiopublico.gov.br/](http://www.dominiopublico.gov.br/)



*Quincas Borba*, Machado de Assis (1839-1908)  
Livro digitalizado em 2009. Possui ex-libris  
A. de Cavalcanti e dedicatória do autor à  
Viscondessa de Cavalcante. Parte do acervo digital  
da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin



#### BIBLIOTECA DIGITAL DA BIBLIOTECA BRASILIANA GUITA E JOSÉ MINDLIN

A Biblioteca Digital (BBM Digital) da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (BBM) reúne e disponibiliza gratuitamente um importante acervo de documentos sobre o Brasil. Entre os destaques, coleções de livros de literatura brasileira e história do país. Publicações que vão do século 16 ao início do século 20. Atualmente, mais de 3.500 títulos estão disponíveis para consulta ou para download. Acesse: <https://digital.bbm.usp.br/>

#### BIBLIOTECA DIGITAL MUNDIAL

Mapas, cartazes, obras digitalizadas e fotografias somam-se às publicações que podem ser visitadas nessa biblioteca, que conta com o apoio da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Disponibilizado gratuitamente no site multilíngue, esse acervo abrange mais de 19 mil obras de 193 países e culturas de todo o mundo. Acesse: [www.wdl.org/pt/](http://www.wdl.org/pt/)

#### THE NEW YORK PUBLIC LIBRARY

Fundada há mais de um século, a Biblioteca Pública de Nova York disponibiliza para o público (mediante cadastro no site) mais de seis milhões de obras, entre livros, e-books, audiobooks e outros conteúdos. No entanto, é outra iniciativa da NYPL que chama atenção: obras clássicas no formato de Stories (arquivo fixo na bio) no Instagram da instituição. Estão disponíveis obras como *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll, e *Metamorfose*, de Franz Kafka. Destaque para as ilustrações e diagramação dos livros adequados ao formato da rede social. Acesse: [www.instagram.com/nypl/](http://www.instagram.com/nypl/)



## NOVO TEMPO, VELHO PROBLEMA

São vinte e dois anos dedicados à nutrição. Jamais esquecerei o primeiro dia na faculdade rodeada de pessoas que eu não conhecia. A aula era de Sociologia e o professor chamava-se Nakazone. Foi impactante ouvir dele a seguinte frase: “Vocês serão nutricionistas em um país em que as pessoas passam fome”.

Era o ano de 1994. Tínhamos um quadro de desnutrição grave em todas as regiões do país, principalmente no Nordeste. Nos grandes centros, o problema existia, mas o assunto era pouco abordado.

Durante os quatro anos de curso, estudamos várias “curvas” de crescimento de crianças desnutridas. A multimistura (composto cujo objetivo era fornecer uma quantidade de nutrientes que atendessem em parte às necessidades nutricionais de crianças desnutridas e gestantes que não tinham o que comer) era distribuída, principalmente, pela Pastoral da Criança. Havia políticas públicas de combate à fome, mas nada muito efetivo e que fizesse a diferença na vida dessas pessoas. Enquanto estudava, trabalhava na prefeitura da capital paulista como professora substituta em uma Emei no Jardim Damasceno (zona norte). Em minha função, acompanhava a alimentação das crianças e notava que, para muitas delas, as refeições na escola eram as únicas realizadas no dia e, quase sem querer, associava o que eu via com o que eu estudava sobre desnutrição.

Após a formatura, deixei a área de educação e fui trabalhar em um hospital. Passei muitos anos às voltas com a nutrição hospitalar; ao sair, exerci a nutrição escolar e por último a alimentação coletiva. Enquanto isso, a situação de fome no país foi melhorando.

Em 2010, iniciei minha carreira no Sesc na unidade Carmo com quase 5 mil refeições diárias. Após três anos trabalhando no setor de alimentação, fui convidada para assumir a coordenação do Mesa Brasil na unidade do Sesc Carmo, primeiro a ser iniciado no país.

Administrar o programa que atendia quase 25 mil pessoas mensalmente, em princípio, me assustou. As visitas às instituições que atendiam pessoas em situação de vulnerabilidade social fizeram com que eu me despisse de certos preconceitos e passasse a aceitar que cada um tem sua história. Minha empatia pelos assistidos aumentou e a admiração pelas pessoas que faziam a diferença na vida deles, também.

Depois de um ano e meio no Sesc Carmo, novo desafio: trabalhar no Centro de Captação e Armazenagem Mesa Brasil – Cecam – para compor a equipe de captação e auxiliar na distribuição da doação dos alimentos que seriam recebidos em grandes quantidades. Novo frio na barriga. Novas responsabilidades.

Nesses cinco anos de Cecam, muitas situações diferentes aconteceram. Contudo, neste momento, estamos enfrentando a condição mais adversa pela qual já passamos: atuar em meio à pandemia, com nossas equipes distribuindo alimentos para as instituições sociais que permaneceram abertas na quarentena e para milhares de famílias. Produtos de higiene, limpeza e descartáveis também estão sendo entregues. O enfrentamento é diário. As equipes, nas ruas, no Cecam ou em trabalho remoto estão se dedicando ao máximo para atingir o maior objetivo do programa, que é o combate à fome.

Posso dizer que ainda ecoa a voz do professor e o que escutei 26 anos atrás, porém, com um sentimento diferente do anterior. Agora, a sensação predominante é a de que mesmo sendo um profissional nutricionista em um país em que as pessoas voltaram a passar fome, com a mobilização de vários setores da sociedade, é possível fazer a diferença. ■

**PRISCILA GALLI** é nutricionista especialista em vigilância sanitária de alimentos e atua no Centro de Captação e Armazenagem Mesa Brasil do Sesc São Paulo.

# SOM, IMAGEM: AÇÃO!

Publicados exclusivamente em e-book, títulos revelam como diferentes expressões artísticas agitam a cena cultural contemporânea.



## **ACABOU CHORARE** o rock'n'roll encontra a batida de João Gilberto

**Marcio Gaspar**

A partir de entrevistas com artistas que formaram a grande comunidade dos Novos Baianos, e-book conta a história do álbum que misturou rock, samba, bossa, experimentalismo e teve impacto sem precedentes sobre o comportamento do público.



## **HQ** uma pequena história dos quadrinhos para uso das novas gerações

**Rogério de Campos**

E-book percorre as possíveis origens e transformações que marcaram a trajetória da arte de narrar mitos, fábulas, façanhas, conflitos sociais e abismos existenciais – uma linguagem que segue conquistando uma legião de fãs.

Disponíveis no aplicativo ou  
loja virtual de sua preferência.

Visite a loja virtual [sescsp.org.br/loja](http://sescsp.org.br/loja)  
e conheça o catálogo completo

    /edicoessescsp

edições  
**Sesc**

